

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXII      JANEIRO A DEZEMBRO DE 1917      N.º 1 A 12

## Por Tras-os-Montes

.. provincia quasi fabulosa ..

CAMILO, *Doze casamentos*, 1861, p. 26.

Abunda tanto a nossa terra em panoramas, vèlharias, costumes curiosos, povoações de aspecto ora risonho, ora antiquado, que ella oferece assunto constante a quantos, com o pincel ou com a pena, nos distritos da Arte, da Etnografia, da Archeologia, da mera Literatura queiram ou saibam procurar ensinamentos, deleite, emoção. Em verdade, os nossos pintores inspiram-se a cada passo em scenas naturais; não faltam romancistas que emmoldurem em graciosas descrições de localidades portuguezas dialogos e narrativas, nem viajantes que nos dêem um transunto do seu «impressionismo»; bastante tem feito tambem os eruditos: mas muito falta ainda fazer para que conheçamos bem Portugal.

Da historia, da situação geographica, da natureza do solo, das culturas, do grau de afastamento ou comunicação com os centros mais civilizados resultam para cada uma das nossas provincias feições especiaes que fazem que o que se diz de uma não deva sempre repetir-se por inteiro a respeito de outra. No entanto ha duas que excedem em caracteres as restantes: Alentejo e Tras-os-Montes; aquella com suas planicies immensas, seus trigais, seus montados, seus homens corpulentos, pausados e de olhos castanhos, sua organização agraria, seus trajos uniformes, esta com a seqüencia de suas serranias (d'onde tira o nome, e onde habitam povos de viver primitivo, freqüentemente de estatura meã, loiros e de olhos azuis ou verdes), seus soutos de castanheiros numas zonas, e centeaes noutras, seus idiomas raianos, seus cantos tradicionais, proprios das segadas. Uma vez (em 1881)

a Sociedade de Geografia de Lisboa organizou uma util expedição de estudiosos que deviam ir, e foram, fazer várias investigações de Historia natural, de Historia social, de Climatologia, etc., na Serra da Estrela; com fundamento maior, porque muito mais havia que estudar, podia a mesma Sociedade ou outra, ou algum instituto scientifico, mandar expedições ao Alentejo e a Tras-os-Montes.

Pela minha parte, no ambito dos meus modestos estudos, nunca saio de Lisboa para a *provincia*, que não volte com cadernos cheios de apontamentos archeologicos, etnograficos ou filologicos. Nos meses de Julho e Agosto de 1915 fui a Tras-os-Montes por ordem do Govêrno presidir a exames nos Liceus de Chaves e Bragança. Aproveitei o ensejo, e coligi, nos intervalos do trabalho official, muitas noticias de cousas trasmontanas, de que ofereço aqui aos leitores uma amostra<sup>1</sup>. Lamento que, em lugar de obra extensa e complexa, eu não apresente senão um artigo desalinhado, á semelhança dos que por vezes tenho publicado n*O Archeologo* acerca do Algarve, do Alentejo e da Estremadura Transtagana: talvez porém outros investigadores, melhor dotados e com mais tempo, se inspirem no que digo, e se abalancem a empresa grande.

Parti de Lisboa em 9 de Julho, á noite, e cheguei á Regoa no dia seguinte pela meia hora da tarde. Quando na Regoa subi para o comboio que me levou a Vidago, para aí entrar num dos *camions* ou «caminhões», como diz o povo, que fazem carreira para Chaves, começou propriamente a minha excursão por Tras-os-Montes; todavia só comecei a tomar notas nesta última vila.

A princípio o comboio vai na margem esquerda do Corgo, que se estorce lá em baixo, em fundos vales; nas ladeiras de xisto verdejam vinhas, dispostas á maneira de escadas, e penduram-se brancas aldeias, como Alvações. Depois a vista perde-se na contemplação longinqua de pinhais e montanhas, até que numa especie de promontorio, formado por uma colina, se passa por *Vila-Real alegre*, como diz uma cantiga. Ao xisto succedeu o granito. Entre Samardã e Zimão a paisagem é inteiramente selvatica: penedias acumuladas de um lado e do outro da linha: dir-se-hião balas de fundas arremessadas para lá por gigantes que lutassem entre si. De vez em quando o comboio corta uma estrada velha, de paredes ensilvadas, que fica para trás, como que envergonhada da civilização que passa. Viajar

---

<sup>1</sup> Dos exames apresentei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro de Instrução relatorios manuscritos.

de caminho de ferro é ir em constante excitação dos nervos óticos, é estar a folhear um album de variados desenhos. A um outeiro nu ou de mato curto segue-se uma campina de milho, uma moita de carvalho, um castanhal,— e de permeio aparecem-nos casas de telhado negro ou de colmo, precedidas de eiras de pedra, e de espigueiros. Em breve se chega a Vila Pouca d'Aguiar, que está numa planície nas abas de uma serra, e se passa pelas paradisíacas estâncias das Pedras Salgadas e Vidago, que nos sorriem com pujante arvoredado e edificios de character moderno, bem opostos á rudeza das povoações limitrofes. De Vidago a Chaves não ha tempo de analisar nada que valha a pena.

Por fim eis-me no termo da corrida, isto é, na fresca *veiga* de Chaves, delimitada de um lado pela Serra do Brunheiro, e cortada do outro pelo Tamega, que tem no interior da vila uma ponte que data da epoca romana. A entrada da vila fica o Flavia-Hotel (mais correcto seria *Hotel Flaviano*, *Flaviense* ou *Flavio*; porém são modas!) novo e bem situado, ao pé de campos e jardins, e nele me hospedei.

Estive em Chaves de 12 a 26 de Julho. Saí alguns dias para fóra em excursões, mas voltei sempre á vila. Nos proprios dias em que permaneci na vila ocupei em estudos lingüísticos (cópia de nomes na Repartição de Fazenda), e em buscas para o Museu Etnologico, o tempo que tive livre.

Quem se dirija do hotel Flavio para o centro da vila percorre a ponte, e chega a um largo onde começam várias ruas, e entre ellas uma que se chama *Direita*. Esta rua é tortuosa como outras muitas que em diversas povoações tem nome e feitio identicos: *direita* porém no caso presente não significa «em linha recta», mas «central», isto é, que vai direita de um extremo ao outro. Assim se explica a aparente contradicção que existe entre o nome e a fórmula da rua.

A descripção da Rua Direita de Chaves, estreita e de aspecto medieval<sup>1</sup>, daria materia para um bom capítulo de Etnografia, tantas são as curiosidades que encerra: industrias tradicionais, comércio miudo, construcções architectonicas. Ora vemos um çapateiro, não

<sup>1</sup> Uma cantiga popular diz d'ela:

Ó Rua Direita de Chaves,  
Ladrilhada, mal segura:

Quando eu passar por ela,  
Não ha pedra que não bula!

Vid. *Revista Lusitana*, xviii, 273 (F. Barreiros).

já sentado na classica tripeça, mas em um banquinho, com o *ofício* ao lado (o *ofício* é uma banca em que estão utensílios de trabalho); ora mais além um latoeiro, com seu estendal de embudes, candeias, *remeias*<sup>1</sup>, *grabanos* ou *caços*<sup>2</sup>, *escudelas*<sup>3</sup>, expostos á contemplação dos transuentes em varas e arames, ou pousados em mesas de pau. Num sitio vendem-se açafates e cestinhas de salgueiro e giesta, ás vezes enfeitados de côres; noutro vendem-se pães estendidos em toalhas brancas (*pão de tres cantos*, de trigo, mui saboroso; *pão de centeio*, etc.); noutro *tamancos* ou *çocos*, fabricados em ruas vizinhas. Ha uma farmacia que tem ainda o antigo nome de *botica*: apesar de bem provida, é de aspecto simples, sem balcão. Entre as prateleiras de uma mercearia descortina-se da rua um oratoriozinho de portas de vidro, com a imagem de S. Antonio lá dentro: vestigio da *aedicula* em que os Romanos poriam nas mesmas condições um *mercuriolus* ou a estatueta de um *Genius*<sup>4</sup>. Algumas casas de venda ostentam insignias comerciais e profissionais, para atiçarem a cobiça dos frêgueses: aqui um tamanco gigantesco, ou um par de tesouras descomunais (barbeiro), ali uma taboleta com pinturas, em guisa de quadro<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Remeia* é uma vasilha de lata, de medir vinho, a qual leva meio cantaro, ou tres canadas. *Remeia* = *re-meia*: como quem dissesse «metade de meia (medida)», isto é, metade de metade de um almude, porque o almude tem dois cantaros ou doze canadas, e a *remeia*, como disse, leva tres canadas. Quanto ao valor morfologico de *re-* (ideia geral de «repetição»), cf. *remel*, *requeijão*; em *remeia* quasi significa o mesmo que «sub» em certos compostos, como *subsecção*, *sub-multiplo*, etc.

<sup>2</sup> *Grabano* ou *caço* é vasilha de lata para tirar agoa de poços: consta de uma especie de tigela cilindrica, com alvado a que se adapta um cabo comprido de pau. A palavra *caço* é tambem galega e hespanhola (*cazo*): tem origem arabica. O objecto é o mesmo que na Estremadura chamam *cabaço*: cf. *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 250.—A palavra *grabano* foi já arquivada por Gomes Pereira na *Revista Lusitana*, XII, 102, que lhe dá como sinonima *côco*.— Tambem no Alandroal se usa *caço*, mas no sentido de colhêr de cabô-comprido para tirar liquidos de vasos fundos (colhêr de sopa, etc.); por analogia dá-se este nome a outra colhêr analoga, por exemplo o *caço de tirar vinho*, feito de uma cabaça. Em Mogadouro e Lagoaça *caço* é um utensilio de cozinha, onde costuma aquêcer-se leite: vid. Moreno in *Revista Lusitana*, V, 34.

<sup>3</sup> *Escudela* aqui é outra vasilha de lata: serve para se tirar agoa de uma pôça, quando tem de se regar perto d'está.

<sup>4</sup> Cf. *Religiões da Lusitania*, III, 596.

<sup>5</sup> O uso das insignias nas lojas de venda pôde dizer-se universal, e já o tinham tambem os Romanos (um elefante, um galo, uma agnia, etc.): vid. Marquardt, *La vie privée des Romains*, I, 103-104.

A par com o oratoriozinho de que falei acima, ha nichos na parte exterior de alguns edificios: *nicho da Senhora do Encontro*, envidraçado, e com jarras aos lados da imagem, e uma lampada por fóra; *nicho do Senhor das Portas*, pintado. Como a civilização moderna invade a pouco e pouco as cousas da Igreja, a lámpada da Senhora do Encontro, que primeiro se alimentava de azeite, é agora electri-



Fig. 1 — Uma essa de Chaves, p. 6

ca: deminuiu talvez a poesia, mas afirma-se o progresso flaviense! O nome do nicho do Senhor das Portas provém de que antigamente passava nesse local a muralha da vila, hoje destruida em parte, e tinha aí umas portas, que deitavam para o arrabalde<sup>1</sup>. As cousas aca-

<sup>1</sup> Do tempo em que Chaves era toda muralhada ha uma cantiga popular, que soa assim:

Quem me dera ir a Chaves  
Das muralhas para dentro,

Para ver o meu amor  
Formado no regimento!

Vid. *Revista Lusitana*, xviii, 273 (F. Barreiros).—Como acontece na praça de Elvas, tambem na de Chaves a poesia lirica do vulgo se inspira frequentemente em assuntos militares, por causa do grande número de soldados, que são outros tantos namoradores.

bam, os nomes ficam. O *arrabalde* deixou de o ser, porque o casario estendeu-se para lá das muralhas; contudo o local chama-se ainda hoje assim. É mais um exemplo da tenacidade da tradição, e de como o estudo do onomástico ajuda ás vezes a conhecer o passado. Visto que me estou referindo a construções, notarei que das duas únicas sacadas de *taboinhas* que, ao que me dizem, existem em Chaves, cabe



Fig. 2 — Uma casa de Chaves, pp. 6-7

á Rua Direita a posse de uma (no caso presente a palavra *taboinhas* quer dizer *rótula*), vid. fig. 1. Ha na rua outras sacadas ou varandas de pau, porém de sistema de balaústres, que ora são esvaziados no interior, ora torneados, mas sempre simetricamente talhados. Por toda a Chaves se encontram numerosas varandas (rara até será a casa que não possua uma!): torna-se necessario, por causa dos rigores do inverno, aproveitar o mais possivel o sol. Nas figs. 2 a 6 reproduzo varandas e sacadas de Chaves e tipos de casas. A fig. 2 mostra-nos

uma sacada de adufa ou de *taboinhas*, que assenta em base de pedra, e tem postigos que se abrem para fóra, levantando-se e formando angulo com a frente da sacada; ao lado vemos parte de uma varanda de balaustres de pau. A fig. 3 mostra-nos uma casa de escadaria exterior, de dois lanços, um perpendicular á parede, o outro paralelo, e encostado á mesma; ao cimo da escada ha um patim descoberto, por baixo do qual existe um vão que dá passagem para uma loja; á



Fig.ª3 — Uma casa de Chaves, p. 7

direita avista-se parte de uma varanda que deita para a rua. A fig. 4 mostra-nos a casa afidalgada dos Padrões, tambem de escadaria exterior, mas com corrimão de pedra; ao cimo patim coberto; sobranceira á escada, e ao longo da frontaria, estende-se uma *varanda corrida*. A fig. 5 mostra-nos uma casa popular, de varanda de madeira na frente da casa, e para a qual se entra por uma porta interna d'esta; tem um quarto num extremo, o que é muito característico; por baixo ha lojas. A fig. 6 dá a vista de parte de uma rua, em que ha uma casa antiga, de porta ogival e janela manuelina.

\*

Passando uma vez defronte da loja de um latoeiro, impressionou-me ver nas lages do chão umas excavações trapeseoidais, tais

como se representam na fig. 7 (cada um dos lados maiores mede  $0^m,11$ ; a profundidade é  $0^m,01$ ). Vim a saber que estas excavações, a que chamam *pôças* ou *fôrmas*, servem para nelas se *vasar a solda*, que depois constitue *bólos*. Noutra latoaria vi uma lage com uma só fôrma: fig. 8. Os bólos tem o feitio dos primitivos machados de cobre ou bronze (machados chatos), e as fôrmas são como aquelas em

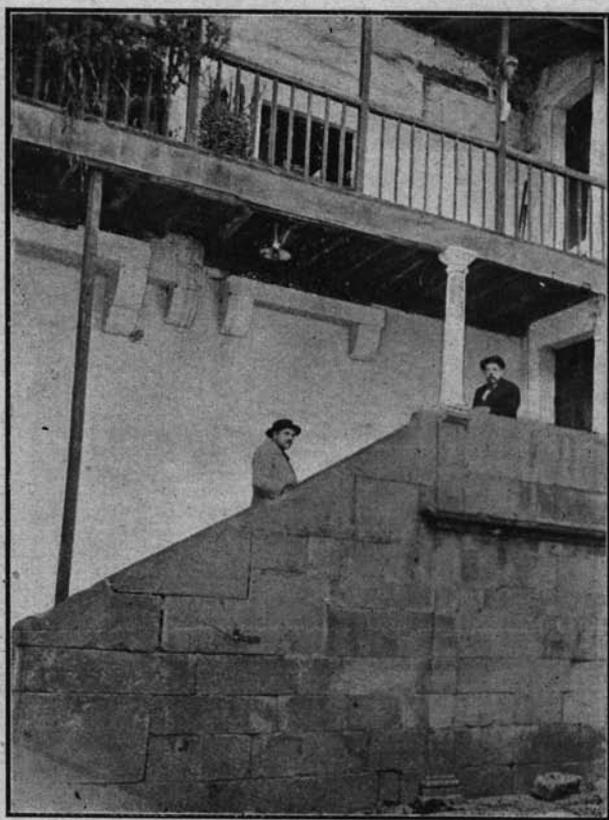


Fig. 4 — Casa dos Padrões (Chaves), p. 7

que nos tempos prehistoricos se moldavam os mesmos machados. Vid. desenhos em Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II, 185, d'onde para aqui reproduzo um, na fig. 9: molde de pedra, da Escocia. Em Portugal, embora se fabricassem na época do bronze muitos machados<sup>1</sup>, nunca encontrei, nem me consta que até hoje se encon-

<sup>1</sup> Vid. *Historia do Museu Etnologico*, p. 180.

trassem, as respectivas fôrmas; mas o moderno processo industrial de Chaves indica suficientemente como elas seriam<sup>1</sup>.

\*

No estudo da vida do campo encontra o etnografo numerosos fenomenos que ou são, como este, produtos espontaneos da actividade moderna, semelhantes a produtos da actividade antiga, ou constituem realmente supervivencias de outras eras. Um caso de super-

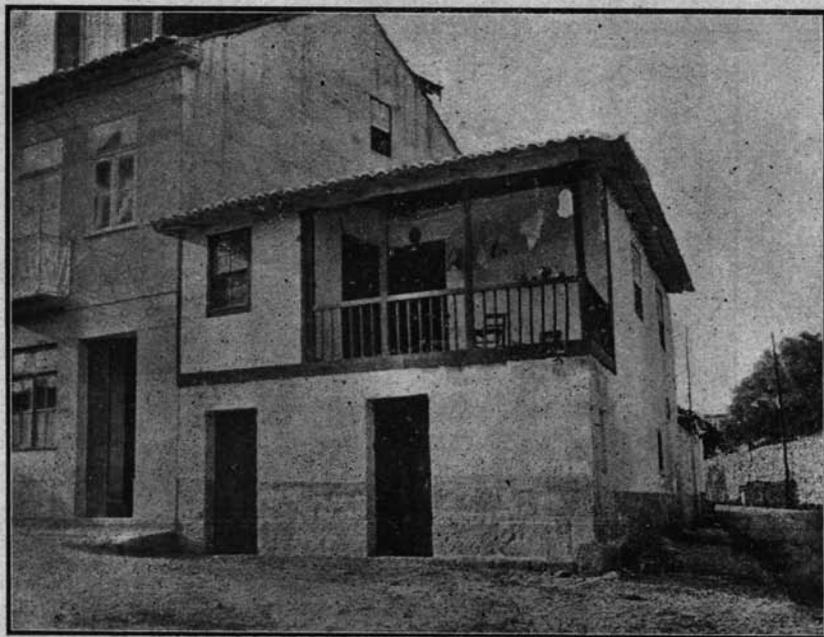


Fig. 5 — Uma casa de Chaves, p. 7

vivencia acha-lo-hemos no *baldão*, se o compararmos com os recursos de que hoje dispõe a hidraulica. O *baldão* é um engenho de tirar agoa de um pôço, para rega de campos e hortas,—engenho muito vulgar não só em Chaves e arredores, mas noutras localidades (fig. 10): consta de *forcada*, haste fixa verticalmente no chão (e assim

<sup>1</sup> Já depois de escrito isto, appareceu entre nós uma fôrma (de pedra), não de machado, mas de foice da idade do bronze: vid. Joaquim Fontes, *Sur une moule pour faucilles de bronze*, Lisboa 1916 (separata do *Bulletin de la Societé Portugaise des Sciences Naturelles*, t. VII, reproduzida no *Arch. Port.*, XXI, 337).

chamada por formar em cima um angulo onde se move, numa travessa de ferro ou *bio*), e de *varela*, a que numa extremidade se suspende o *balde* que ha-de tirar a agoa do *pôço*, e a que na outra se liga o *pêso*, de pedra. Vemos aqui uma alavanca, que tem por ponto de apoio o *bio*, e funciona em dois tempos: no primeiro tempo a potencia é a mão do homem, que puxa o *balde*, metendo-o no pôço,

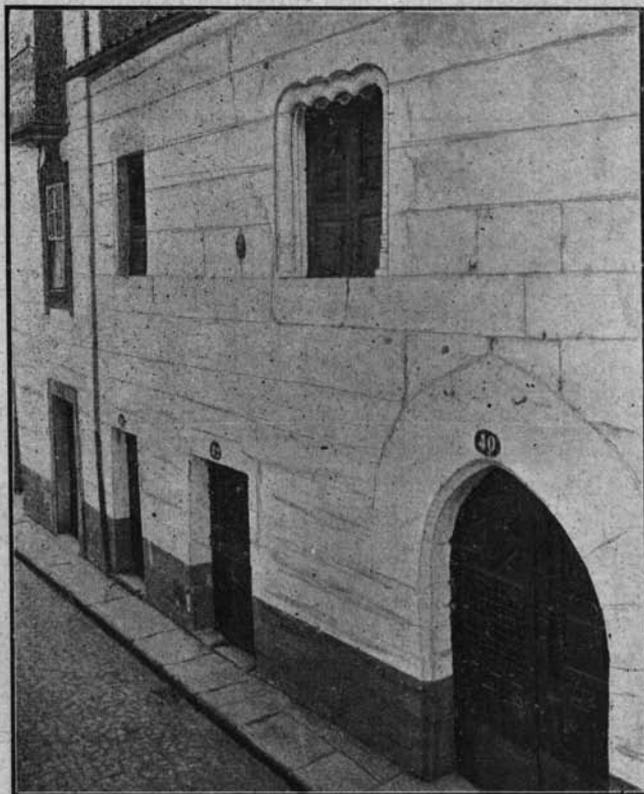


Fig. 6—Uma rua de Chaves, p. 7

e a resistencia é o *pêso*; no segundo tempo a potencia é o *pêso*, e a resistencia o *balde*, que sái cheio de agoa e se despeja num *tanque*, d'onde esta corre por um tubo para o campo ou horta.

O baldão corresponde á *cegonha*, *gaivota*, *picanço* de outras terras<sup>1</sup>; em Nelas ouvi dizer em igual sentido *burra*, em Penafiel, segundo me informam, dizem *bimbarra*, no Cadaval dizem *combão*

<sup>1</sup> Cf. o meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 40, nota

e *carrinhola*. Todavia o nome mais corrente é *cegonha*, que tem paralelos noutras lingoas romanicas, applicados a objectos analogos<sup>1</sup>. Aindaque um engenho tão simples como este podia inventar-se espontaneamente em varios paizes, sem que de uns passasse para os outros, sabemos contudo que já não só nos secs. VI e VII ele existia na Peninsula Hispanica, e até com a metaforica designação de ciconia «cegonha»<sup>2</sup>, mas que os Romanos o usaram, como se vê da

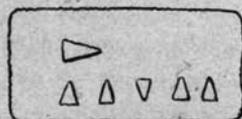


Fig. 7 (p. 8)



Fig. 8 (p. 8)



Fig. 9 (p. 8)

fig. 11, que reproduz um baixo-relêvo antigo do Museu de Parma<sup>3</sup>; o nome latino é *tolleno*<sup>4</sup>. O mesmo engenho existe no Egito, na Grecia e na Asia<sup>5</sup>. E bastará de *cegonha*<sup>6</sup>.

Á vida campestre de Chaves pertence tambem o que vou dizer.

Quando se malha o centeio nas eiras, cantam-se muitas cantigas, monotonamente, como:

- Ó minha mãe, eu casei-me. (*Canta um*).
- Ó filha, diz-me com quem. (*Respondem os outros, tres vezes*).
- Casei-me c'um peneireiro. (*Continúa o primeiro*).
- E, ó filha, peneira-o bem! (*Dizem os outros, tambem tres vezes*).

Vê-se que o Trasmontano é resistente ao trabalho, porque, apesar da rudeza da malha, e da grande fadiga que lhe causa, ainda pôde

<sup>1</sup> Vid. A. Thomas, *Essais de Philologie française*, Paris 1897, p. 266.

<sup>2</sup> «Hoc instrumentum Hispani *ciconiam* dicunt, propter quod imitetur eiusdem nominis avem, levantes aqua ac deponentes rostrum, dum clangit». S. Isidoro Hispalense, *Etimologiae*, liv. xx, cap. xv, § 3 (ed. de Lindsay, t. II, Oxford 1911).

<sup>3</sup> Apud *Dictionnaire des antiquités* de Daremberg & Saglio, s. v. «machina», fig. 4756 (t. VI, p. 1468).

<sup>4</sup> Vid. outro exemplo no *Dictionnaire des antiquités* de Rich, s. voce.

<sup>5</sup> *Dictionnaire des antiquités* de Daremberg & Saglio, *loco citato*.

<sup>6</sup> Creio ter ouvido algures que a *cegonha* era de origem arabica entre nós: o trecho porém que citei de S. Isidoro (570-636) mostra que é anterior, porque os Arabes só vieram para a Peninsula em 711.

cantar. Sem dúvida o estimula o ritmo do canto, mas o mesmo podia acontecer por toda a parte; contudo nunca observei tal costume noutras provincias. E até perguntando eu uma vez no Baixo-Douro a um trabalhador se cantavam nas malhas, ele respondeu-me muito admirado: «Cantar nas malhas? Credo!».

Com o intuito de utilizarem bem o estrume que resulta do excremento dos gados, costumam em Chaves, como noutras terras<sup>1</sup>, deixá-los pernoitar no campo, sucessivamente aqui e além, dentro de *terrenos acancelados*, isto é, fechados em volta por cancelas. Para os acompanhar, dorme o pastor em uma *carroça* puxada por bois,

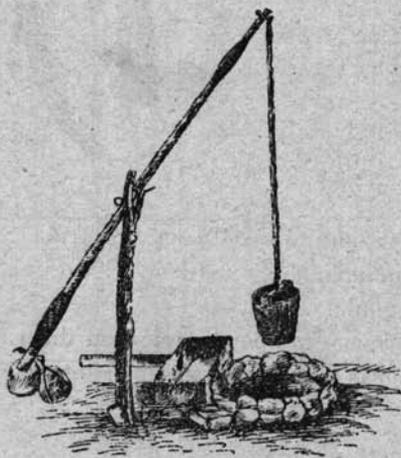


Fig. 10 — Balldão, p. 9 sgs.

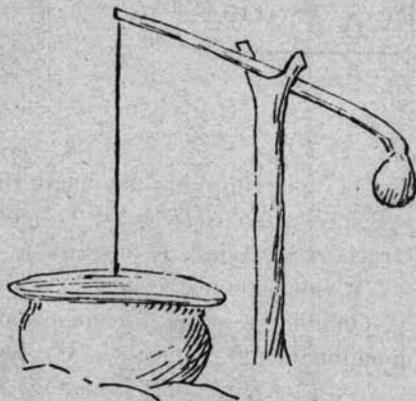


Fig. 11 — Tolleno (romano), p. 11

a qual se faz de um carro velho a que se adaptou uma cobertura de madeira, revestida de palha centeia.

\*

Vejamos agora algo da vida religiosa.

Na noite de 18 de Julho assisti a um *arraial*, numa rua. Ao longo d'esta, de um lado e do outro, havia cordas com balões venezianos. Encostado a uma parede armaram um trono de verdura, em cujo cimo pousava a imagem de S. Francisco, postoque o arraial fosse em honra de S. Trocate. Junto formara-se uma *gaiteirada*, isto é, um *concôrto de gaita* (como tambem dizem): gaita de fole, bombo, pratos, caixa de rufo, e clarinete. O tocador do bombo batia-o com uma

<sup>1</sup> Cf. J. M. Grande, *Guia e manual do cultivador*, 1 (1849), 179.

das mãos, ao passo que com a outra tocava os pratos, um dos quais estava fixo no bombo. O gaiteiro era-o já por herança do pai, e a gaita contava de idade mais de 60 anos<sup>1</sup>. Se parte da musica era tradicional, e muito transmontana, as danças não: pois o que dançavam rapazes e raparigas eram valsas! Tais *arraiais* fazem-se com frequência por este tempo em Chaves. Na mesma ocasião havia outros noutras ruas. — A importancia da gaita de fole nas festas de Tras-os-Montes me referi já no meu livro *De Campolide a Melrose*, onde expus de modo sumário a historia do instrumento: p. 83-85. Principalmente nas provincias do Norte e Centro de Portugal raras vezes se celebra um arraial religioso que não se acompanhe de dança. Devemos entender que a dança tinha a principio significação religiosa, e que com o tempo degenerou em brincadeira profana. Em algumas igrejas de Hespanha tenho visto que se dança mesmo lá dentro, ao som de caixas de rufo: aí o sentido primitivo conserva-se melhor. Sabida é a importancia ritualistica da

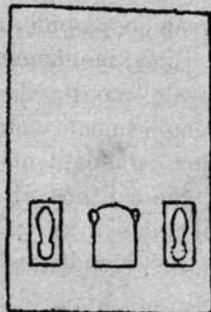


Fig. 12 (pp. 13-14)

dança, quer na antiga religião hebraica (David dança diante da arca), quer noutras religiões antigas e modernas (Micenenses; *Salii* no culto de Marte; *Galli* no culto de Cibele; Mexicanos; Nova Guiné, etc.).

Entre os templos de Chaves notabiliza-se a capela da Santa Cabeça pela riquissima obra de talha do altar. O proprio côro, sobranceiro á porta de entrada, é doirado por baixo. Não quero porém tratar d'isso, mas referir uma superstição. Os danados iam ali outr'ora, levando consigo um pedaço de pão, que era bento por um padre, e tocado num relicario que está sobre o altar e contém reliquias de S. Anastacio: depois comiam o pão, e julgavam-se isentos da raiva<sup>2</sup>.

Menos por arte, do que tambem por superstição, tem igualmente sua importancia a capela da Senhora do Popolo, erguida num extremo da vila, ao pé de um ribeiro, e com adro circundado de campos e arvoredos, que dão paz ao local, e o tornam aprazível. Aí, junto da porta principal, pelo lado de dentro, divisa-se no chão uma lage,

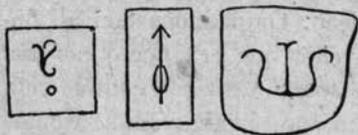
<sup>1</sup> Vid. na *Arte e Natureza em Portugal*, VII, um artigo do S.<sup>o</sup> Ribeiro de Carvalho, em que, a par de outras notabilidades de Chaves, se fala do gaiteiro. Com figuras.

<sup>2</sup> Acerca das superstições d'esta classe, vid. D.<sup>o</sup> Claudio Basto, *A raiva*, Porto 1915 (separata do *Portugal Medico*, n.<sup>o</sup> 4).

de fôrma de tampa sepulcral, como outras que estão a par e que tem letreiros: nessa lage insculpiram-se varios desenhos, fig. 12: os dos lados são evidentemente pègadas; o do centro tem aspecto de nicho. Ouvi dizer que quem deseja saber se ha-de casar, vai á capela, e entra com o pé direito: se introduzir por acaso um dos pés numa das pègadas, casará, e então assenta o outro pé na outra depressão. Todavia isto não me foi contado com muita certeza<sup>1</sup>.

Não se admirem os Flavienses de que em vez de eu falar da grandiosa ponte, do castelo, das igrejas, da fertilidade da *veiga*, das termas, me demore com cousas que parecem tão frivolas como as que ficam expostas: é que não venho fazer a descrição de Chaves, venho simplesmente notar, como já ponderei, alguns factos que importam aos estudos a que me dedico. Nem sempre as sciencias do espirito, como a Etnografia (antiga ou moderna) e a Filologia, são as que mais chamam a atenção do *grand public*, ávido de cousas espalhafatosas e surpreendentes<sup>2</sup>!

<sup>1</sup> É possível que originariamente a superstição nada tenha com as pègadas, e que estas sejam mais antigas, tendo-se-lhes aquella adaptado, como acontece com outros oraculos de casamento. O povo costuma interpretar e apropriar aos seus costumes e ideas certos monumentos antigos de que não sabe a significação verdadeira. As pègadas figuram frequentemente na Arqueologia, tanto cristã, como pagã, tanto de Portugal, como de fóra. Sem ascender aos tempos prehistoricos (cf. *Religiões da Lusitania*, I, 381 sgs.), basta lembrar que elas figuram em monumentos votivos romanos para que os respectivos dedicantes, em occasião de viagens, obtenham boa ida e boa volta (cf. *Bulletin archéologique*, 1916, p. XXI); figuram do mesmo modo nas sepulturas dos primeiros Cristãos, talvez por imitação dos costumes precedentes (vid. Martigny, *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, Paris 1865; s. v. «plantes des pieds»): mas terão



Marcas do castelo de Chaves

origem tão remota as da tampa sepulcral de Chaves? Em todo o caso, pelo que toca á superstição, e não á origem das pègadas, aqui menciono um costume dos Pireneus franceses, que é paralelo ao nosso: num rochedo perto do monumento de Espiaux ha uma cavidade mais ou menos com a fôrma de pé, a que o povo chama *le pied de saint Aventin*, «et il suffit à une jeune fille de poser elle même son pied sur cette empreinte, pour avoir un mari, dans l'année» (in *Comptendu* do Congresso Arqueologico de 1889, Paris, p. 619). Temos mais oraculos de casamento portuguezes nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pp. 89-91. Abstenho-me de outras citações, para não alargar demasiado a nota.

<sup>2</sup> Das termas, quando elas forem devidamente exploradas e cuidadas, advirão certamente no futuro importantes vantagens para Chaves, sobretudo depois que se leve a efeito o caminho de ferro que está projectado, e que ligará a vila com Vidago. Estas termas já os Romanos as conheciam, e d'elas veio o nome de

14 de Julho de 1915.—Havendo-me dito alguém que na Roda, arredores de Chaves, havia num muro uma «pedra com letras», fui lá com o D.<sup>o</sup> Francisco de Barros Teixeira Homem, da nobre Casa de Samaiões, e vi efectivamente sôlta numa parede uma pedra que tinha gravado numa face: PRAEN, e na oposta COROQ, não tendo existido aí outras letras, antes ou depois. Estas letras, embora de aspecto romano, são para mim enigmaticas. A pedra, que está hoje no Museu Etnologico, pois a adquiri logo, apparecera por 1912 no campo de Trancada, frêguesia de Samaiões, concelho de Chaves, a dois palmos de fundura, quando se andava lavrando, e sem que na vizinhança se encontrassem quaisquer vestigios antigos (cacos, etc.); eu estive tambem no local.

Na tarde do mesmo dia fui a Outeiro Jusão com o Rev.<sup>do</sup> D.<sup>o</sup> Liberal Sampaio, que é muito sabedor das cousas historicas de Chaves, e possuidor de uma colleccão de antiguidades, como logo direi. Em Outeiro Jusão, isto é, \*Outeiro-de-Jusão, por «Outeiro de baixo»<sup>1</sup>, vimos metida na parede de uma casa outra pedra que tinha na face externa uma inscriçãõ igual a uma de que falei ha pouco: PRAEN (talvez na face de dentro haja COROQ, como naquella). Outeiro Jusão dista 1:500 metros, pouco mais ou menos, da Trancada, onde appareceu a primeira pedra, e fica tambem na frêguesia de Samaiões.

15 de Julho.—Por indicaçãõ e convite do D.<sup>o</sup> Liberal Sampaio fiz com ele uma excursãõ archeologica ao Pontão. O Pontão é um sitio nas margens do ribeiro de Ribelas<sup>2</sup>, ao pé do lugar da Abobleira<sup>3</sup>, frêguesia de Val d'Anta, concelho de Chaves. Ha aí restos de

---

Chaves: (Aquae) Flaviae: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 180, n. 5; e *Lições de Philologia Portuguesa*, p. 258.—Acêrca do castelo vid. o citado artigo do S.<sup>o</sup> Ribeiro de Carvalho na *Arte e Natureza*, VII. No castelo copiei algumas marcas de canteiro, de que dou amostras na nota anterior.

<sup>1</sup> Jusão vem de \*i u s a n u, palavra que deriva de *iusum* por *deorsum* «para baixo»: *Grundriss der roman. Philol.*, t. I, 2.<sup>a</sup> ed., p. 472. Nos nossos documentos medievais ha: *de jusano*: vid. Cortesão, *Subsidios*, p. 4. Acêrca de *jusã* (*jussã*) vid. o *Elucidario* de Viterbo s.v. Em textos não nossos ha *iusana* no sec. VI—VII: A. Thomas, in *Mélanges Havet*, p. 514.

<sup>2</sup> Ribelas é plural de *Ribela*, diminutivo de *riba* «margem» (tambem se diz em algumas partes, no plural, *arribas*).

<sup>3</sup> Assim ouvi pronunciar, e assim vem escrito na *Chorographia* de Bâtista, VI, 2, aindaque ele a par escreve «ou Aboboreira». Em verdade *Abobleira* virá de *Aboboreira*, isto é, *Abobreira* por *Abobereira*, fórma que se lê em documentos medievais. De *abóbora*.

um solido muro romano, de 0<sup>m</sup>,67 de largura, formado de pedras (granito) e argamassa, do tipo que os Romanos chamavam *opus incertum*; tem de um lado e do outro «cachorros», ou pedras saídas. Este muro ligava dois morros, ficando para o Norte uma bacia e para o Poente, Nascente e Sul morros. O ribeiro tem um «pontão» moderno, tambem de granito, o qual dá o nome ao local. Não sei para que serviria tal muro. Ponte? Defesa? Segundo a lenda do povo, isto era uma presa ou açude do tempo dos Mouros, para conter as agoas do ribeiro, e nelas se navegar em barcos até á vizinha aldeia de S. Jurge, que fica para o Norte a uns 4 kilometros. O povo explica sempre tudo, ou bem ou mal. Pouco distante d'aqui encontram-se, como verifiquei, muitas pedras aparelhadas, tijolos grossos, e pedaços de *opus Signinum*: manifestos vestigios de povoado lusitano-romano. D'epoca anterior á romana conserva-nos o nome de Val d'Anta uma memoria, pois *Anta* quer dizer «sepultura prehistorica».

16 de Julho.—Nas *Religiões da Lusitania*, III, 613, publiquei, segundo o que se lê no t. I, p. 351, das *Memor. archeolog.-hist. de Bragança* do Rev.<sup>do</sup> Manoel Alves, Abade de Baçal, uma inscrição existente na igreja de Cural de Vacas, concelho de Chaves, a qual apresentava dificuldades de leitura. Já pelo natural desejo de examinar a propria lapide, visto que eu estava proximo do local, já por instancias do benemerito archeologo que a descobrira, e primeiro a publicára, empreendi um passeio a Cural de Vacas. Acompanharam-me amavelmente o S.<sup>or</sup> Aventino Leite de Faria, Professor do Liceu, e o S.<sup>or</sup> Armando José Claro, Continuo do mesmo estabelecimento.

Ás 6 da manhã já estávamos a cavalo e prontos para partirmos. Durante umas horas seguimos pela estrada municipal que corta a fertil *veiga de Chaves* junto da serra do Brunheiro. Em Vila Verde parámos. O sitio confirma o nome, pois ensombram a povoação frescas matas de freixos, pinhais e carvalhais. Numa taberna tomámos uma refeição de pão de centeio negro, e queijo de cabra. Depois internámo-nos no sertão, por caminho velho, pedregoso, ladeado de *poulas*<sup>1</sup>, e ingreme, com a serra de Larouco, ao longe, para o Poente. Ao cimo da ladeira encontrámos o cemiterio, de muros caiados e com duas capelinhas á entrada: mais luxuoso do que se costuma em aldeias. Logo em seguida appareceu-nos Cural de Vacas, de casas escuras, providas de extensas varandas de pau.

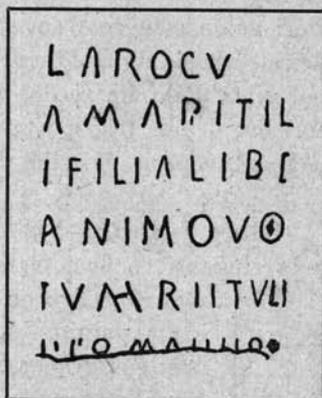
<sup>1</sup> Terrenos de mato, incultos, longe de rio.

Lá estava na igreja a inscrição, gravada num cipo, que serve de mesa na capela-mor (mesa para se pousar o missal, as galhetas, etc.). O cipo fôra caiado e pintado modernamente. Li do seguinte modo a inscrição (vid. infra): *Larocu Ama, Petili(i) filia, libe(ns) animo votum rettuli(t) pro marito*. Interpreto PITILI por *Petili(i)*, baseado em haver na Iberia outras inscrições em que aparece este gentílico (no feminino): *Petiliae* e *Petilia Marta*<sup>1</sup>, e em não faltarem exemplos de na indicação da filiação se empregar o gentílico do pai<sup>2</sup>. *Ama* consta de outras inscrições nossas<sup>3</sup>. Entenda-se que *Larocu*=*Laroco* é o dativo de um nome de deus, isto é, de *Larocus*, o qual nada tem porém, quanto a mim, com o nome da serra de que falei ha pouco. A formula *votum rettuli(t)* só a conheço d'este texto<sup>4</sup>. A ara mede 0<sup>m</sup>,69 de altura, e 0<sup>m</sup>,25 na menor largura; as letras estão gravadas profundamente, e medem 0<sup>m</sup>,05 de altura, umas mais, outras menos.

Durante a minha estada em Curral de Vacas penhorou-nos com obsequios o Sr. Francisco Ferreira, a mim e aos meus companheiros.

No regresso passámos rapidamente pela solitaria capela de Santa Marta de Vila-Frade, em cujo alpendre existe uma inscrição romana, em parte coberta de rebôco; por falta de tempo, e por já ser conhecida, não a copiei.—Esta excursão fôra feita de manhã, antes dos exames, e tornava-se-me necessario estar em Chaves a tempo de assistir a eles desde o comêço, como assisti: d'isso a minha pressa.

17 de Julho.—Fui a Vilar de Nantes (arredores da vila) ver as célebres olarias de loiça preta ordinaria; elas são numerosas, mas



<sup>1</sup> Vid. *Corpus*, II, 1566 e 2282.—Noutras regiões do Imperio romano ha *Petellius*, *Petellius* e *Petillius*: vid. W. Schulze, *Die Geschichte der latein. Eigennamen*, p. 618 (índice).

<sup>2</sup> Vid. *Corpus*, II, 2377 (*Potitus Cumeli*), 427 (*Victor Marii f.*), etc.

<sup>3</sup> *Corpus*, II, 5575: Hübner põe *Ama* no índice com dúvida; mas o exemplo de Curral de Vacas tira-a.—Tambem nas inscrições ha *Amma*.

<sup>4</sup> Deve entender-se assim: *ferre votum* seria o mesmo que *suscipere votum* «fazer uma promessa»; por isso *referre votum* corresponde a *solvere votum* «cumprir a promessa feita». Como illustração, citarei Sittl, *Die Gebärden der Griechen u. der Römer*, Leipzig 1890, p. 197, n. 2.

a loiça coze-se em uma cova comum. Numa das olarias adquirei duas fôrmas de ornatos, de barro. Para ter no Museu Etnologico espécimes ceramicos das referidas fábricas, comprei depois em Chaves um *prato*, duas *ratoeiras* (uma aberta e outra fechada), e as seguintes vasilhas infantis: *pichorrinha*, *pötinho* (de tres pés), *assador*, *alguidarinho*, *caçoulinha* (de duas asas), *caçoulinho* (de uma asa), *almotolia*: tudo de Vilar de Nantes. Quando no Museu houver espaço, representarei melhor esta industria; por ora contento-me com o que fica indicado. — Na ida a Vilar de Nantes acompanhou-me o S.<sup>o</sup> João Delgado, Professor de ensino livre em Chaves.

Nas vizinhanças de Chaves, á beira da estrada, ha tambem varios fornos de cozer telha. Num, onde estive, vi fazer as telhas assim: estende-se com as mãos o barro numa *grade* pequena de madeira, especie de moldura<sup>1</sup>, que pousa numa taboa plana, e passa-se por cima d'ele um *ração*, que o *raza*, como se faz quando se medem cereais; depois transporta-se, assim razado, para cima da fôrma ou *galápo*<sup>2</sup>, especie de telha de pau, com cabo (fig. 13).

18 de Julho. — Visitei o forte de S. Neutel<sup>3</sup>, onde ha uma capela elegante, e bem tratada, para a qual se sobe por tres lados; tem alpendre ou *cabido*, com assentos de pedra em volta, e um pulpito. A capela estava fechada, mas por um dos postigos gradeados da porta vi que era forrada de azulejo amarelo, branco e azul: o santo, de roupagens salpicadas de ouro, ergue-se no seu altar empunhando majestosamente um baculo; das paredes pendem ex-votos constituídos por quadros, e por figuras de cêra. — Ao forte servia de guarda um unico soldado.



Fig. 13  
Galápo

No regresso encontrei-me com um cabo de infantaria, já idoso, porém alegre e tagarela, o S.<sup>o</sup> Antonio Maria Pronto, que é uma gloria de Chaves, embora aposentada: apenas me viu, desfiou-me a sua vida militar, contando-me que muito peregrinára por terras ultramarinas, e d'isso compusera e imprimira um folheto poetico de 8 paginas, de que me vendeu um exemplar por um vintem. O folheto, orna-

<sup>1</sup> É analogo á *adobeira*, de que falei na *Hist. do Museu Etnolog.*, p. 206.

<sup>2</sup> Em Avis dizem *galápe*. — Em hespanhol ha tambem *galapo*, que significa fôrma, porém de fazer cordas (o *Dicc.* da Academia hespanhola dá a palavra como de origem arabica; cf. Eguilar, *Glosario*, Granada 1886, p. 404).

<sup>3</sup> Isto é, S. Eleuterio.

mentado no frontispicio com um soldado e um navio, simbolos do expedicionario e da expedição, tem o seguinte titulo autobiografico: *RECORDAÇÕES DA MOCIDADE: despedida á sua terra de um cabo expedicionario á India em 1871 por 4 annos, quando já tinha expedicionado para Angola em 1860 por 3 annos no batalhão expedicionario de D. Pedro V.* Se isto é longo como titulo, é breve como biografia: contudo a dos homens notaveis póde sempre resumir-se em poucas palavras. E ninguem duvidará da notabilidade do autor, ouvindo-o exclamar:

Pelos meus superiores  
Fui eu sempre respeitado  
Mas no serviço activo mal remunerado  
Por isso sou agora um cabo reformado:

do que se vê que a antiga «Literatura de cordel», não obstante estar hoje em natural decadencia, ainda de vez em quando pestaneja.

19 de Julho.—O Rev.<sup>do</sup> D.<sup>or</sup> Liberal Sampaio vive em Chaves, onde é Advogado, mas tem casa em Outeiro Sêco, e aí uma collecção archeologica, que fez o obsequio de me mostrar (pela segunda vez, pois eu já a havia visto em 1895). No caminho de Chaves para Outeiro Sêco passa-se pela capela da Senhora da Azinheira, de estilo romanico (arco de volta redonda, pilastras com capiteis de folhas e animais, «cachorros» ao longo dos muros, sob o telhado), situada num ermo, entre campos. Alguns dos cachorros jaziam em pedaços, pelo chão! Como em Portugal se olha pouco pelas cousas de arte e archeologia! No alpendre ha uma campa que tem gravado em cima um «pico» (vid. a fig. 14, aqui ao lado), emblema certamente da profissão do morto, como outros analogos que se mostram á entrada da igreja de S. Miguel do Castelo em Guimarães, e em cabeceiras de sepulturas (Museu Etnologico, etc.).



Fig. 14.—Numa campa

A collecção do D.<sup>or</sup> Liberal consta de moedas e antigualhas. As moedas, que começou a reunir em 1876, são portuguezas, hespanholas, e romanas (tanto da republica como do imperio), estas últimas encontradas geralmente pelo concelho de Chaves; tambem com as moedas ha medalhas portuguezas. Todo o monetario está ainda por classificar. Entre as antigualhas notei machados de pedra, instrumentos prehistoricos de bronze, fragmentos ceramicos de várias épocas, uma enxada de ferro romana aparecida no Couto de Ervedêdo

(Chaves) com moedas de Maxencio, dois outros ferros agrarios achados em Firvidas (Montalegre) com moedas de Constantino, e sobretudo dois aneis, um de bronze, com enfeites na pala, encontrado perto de Carrazedo de Montenegro (Chaves), e o outro de ouro, romano. O nosso Doutor é liberal tambem nos feitos, e por isso me brindou com os seguintes objectos, que eu trouxe para o Museu Etnologico: dois machados de pedra polida, e um pedaço de outro, dos arredores de Outeiro Sêco; uma seta de cobre, e um pedaço de vaso ornamentado, da quinta da Mina; uma rodela ou disco pequeno de barro, do tipo da loiça dos castros (arredores de Outeiro Sêco)<sup>1</sup>; um pedaço de tegula com impressões de patas de animais<sup>2</sup>; outras miudezas.

Na quinta da Mina, que pertence ao D.<sup>or</sup> Liberal Sampaio, e está junto da casa, me mostrou ele um rochedo granitico com duas excavações do tipo dos «lagares»: uma d'elas tem de largura 1<sup>m</sup>,5, e a outra, contigua a esta, e em comunicação com ela, tem de largura 1<sup>m</sup>,05; a profundidade das duas orça por 2 ou 3 decimetros. Diriamos *lagar* e *lagareta*. Ao pé encontrei eu mesmo, no chão, pedaços de mós manuarías (da parte chamada *meta* ou «poisõ») e de tegulas.

20 de Julho.—Como para a Historia da Numismatica, que estou escrevendo, eu precisasse ver o monetario que o falecido José Homem de Sousa Pizarro organizára em sua casa, em Bóbeda, dei um passeio a esta povoação, e nele me acompanhou o D.<sup>or</sup> Francisco de Barros, parente de Pizarro, e de quem já acima falei. A collecção compõe-se de moedas da republica romana, de prata, de moedas do imperio, dos tres metais, de um triente visigotico de *Hispalis*, de moedas portuguezas de todas as dinastias e metais, e de algumas da nossa India; tambem nele ha algumas medalhas portuguezas e estrangeiras. Pizarro começára a coleccionar aos 27 anos, e morreu de 60 anos em 1898, em Bóbeda. Com as moedas tambem coleccionava antigualhas, e de uma me fizera dadiva para o Museu Etnologico em 1895, por ocasião de o eu visitar.

21 de Julho.—Fui a Nantes, em companhia dos S.<sup>ors</sup> Aventino de Faria e João Delgado.

Note-se que ha *Nantes* e *Vilar de Nantes*. Apesar de homofonia ou homografia entre este nome e o da cidade de França bem conhe-

<sup>1</sup> Cf. *Historia do Museu Etnologico*, p. 185 e nota.

<sup>2</sup> Cf. *De Campolide a Melrose*, p. 40-41.

cida pelas sardinhas e pelo edito de Henrique IV em prol dos protestantes, nada ha comum aos dois: *Nantes* de França representa o nome de um povo gaulês, *Námnetes*, de quem fala Cesar nos *Commentarios*, III, IX<sup>1</sup>; *Nantes* de Chaves representa, quanto a mim, um patronimico, que nos nossos documentos medievais tem a fôrma *Nántiz* (sec. X)<sup>2</sup>, e que provavelmente é de origem germanica<sup>3</sup>. Deve entender-se que na idade-média existiu um individuo chamado \**Nanto*, que ali possuia uma propriedade, a qual por isso recebeu o nome de *Nantiz*, isto é, «de Nanto». Com o tempo formou-se um povo em volta ou dentro da propriedade, e ele conservou a designação pre-existente. Após este formou-se *Vilar*, que, por ficar perto, adoptou por sobre-nome tambem *Nantes*. Ha tambem várias *Nantes* na Galiza, irmans da nossa: conquanto no *Diccionario Geográfico postal* (hespanhol) eu veja escritos os respectivos nomes com *-s*, e não com *-z*, como se esperaria da fôrma medieval portuguesa, devo lembrar que já no sec. XVI em galego o *-z* antigo passa para *-s*<sup>4</sup>. Se no mesmo *Diccionario*, a par de *Nantes*, com *-s*, se vê *Mendez*, com *-z*, como nome galego, isso não se opõe a que *Nantes* da Galiza represente \**Nantez*, pois tambem lá se lê *Ramiles* e *Gondulfes*, que correspondem a fôrmas medievais com *-z*: é que na ortografia de *Mendes* influiu a ortografia hespanhola, *Menéndez*, ao passo que quem escreve *Nantes*, *Ramiles*, *Gondulfes* não sabe que originariamente esses nomes tinham *-z*. O mesmo digo de outros nomes galegos escritos com *-s*.

Em Nantes só vi digno de nota o *Hospicio*, vivenda fradesca para convalescença de doentes. Ha ainda lá jardins, fontes, murtedos,—lembrança de antigos e regalados dias.

22 de Julho—Em companhia, não sómente, e mais uma vez, do D.<sup>or</sup> Francisco de Barros, que foi inexcédível em obsequios para comigo, mas tambem da do Rev.<sup>do</sup> Silvino Rodrigues Nobrega, Paroco de Samaiões, andei um fim de tarde pela Serra do Brunheiro, à procura de antiguidades prehistoricas. A Serra limita

<sup>1</sup> Acêrea da origem, vide: Gluck, *Die bei Caesar keltischen Namen*, Munich 1857, p. 140.

<sup>2</sup> Vid. Cortesão, *Onomastico*, p. 235.

<sup>3</sup> Cf. *Nantimiri*, *Nantomiri*, etc. Acêrea do elemento *nant-*, cf. Meyer-Lübke, *Die altportug. Personennamen*, p. 41.

<sup>4</sup> Por exemplo *Gonçales* (por *Gonçalez*) nos *Documentos gallegos* de Martínez Salazar, Corunha 1911, p. 164, mais de uma vez. Outros exemplos de confusão de *s* e *z* no Ocidente da Peninsula (Lião) temo-los na *Rev. de Filologia Españ.*, 1, 81 (Menéndez Pidal).

a *veiga de Chaves* pelo Nascente; é granítica, e vestida de castanheiros bravos, de cuja madeira se fazem cestos. Também lá haverá ou terá havido em algum sítio *abrunheiros*, donde veio o nome. Nas baixas vêem-se muitas quintas e povoações: *Nantes, Vilar*, etc. Apesar de termos atravessado em vários sentidos os, por assim dizer, rios de pedras que se estendem pela serra a baixo, e de nos termos emmaranhado várias vezes em silveiras, nada encontramos arqueológico.— A minha ida ao Brunheiro resultou de eu supor, por assim me haver dito quem m' o ofertou, que um pedaço (metade) de instrumento paleolítico que se guarda no Museu Etnologico apparecêra lá. Só depois vim a averiguar que ele apparecêra, não na serra, porém na quinta de Condeixa, situada nas abas da mesma.

23 de Julho.— Acompanhado pelos S.<sup>os</sup> D.<sup>or</sup> Francisco de Barros, Rev.<sup>do</sup> Nobrega e Inacio Pizarro, vi o importante «castelo» ou castro da Curalha, situado na frêguesia do mesmo nome, concelho de Chaves<sup>1</sup>. Jáz sobre o Tamega, que lhe passa ao Nascente e Sul, e a'vem correndo entre colinas bravas, sem vegetação, e só cobertas de penedia. Era já tarde quando fiz a minha visita, e por isso não pude examinar tudo com atenção.

O castro fica em uma altura pequena, porém extensa. Por causa da pouca elevação do local tornou-se necessario construir muros muito fortes, para se obter boa defesa: e de facto os muros são ciclopicos, e dos mais solidos e possantes que tenho visto em castros. Ha pedras enormes quer na base, quer tambem por todos eles; num ponto até faz parte da muralha um penedo grande, natural. As pedras estão dispostas sem cimento, mas muito bem alinhadas. Restam ainda em alguns sitios lanços optimamente conservados, de 4 metros de largura; noutros sitios existe só pedregulho caído. Ao Nascente ha uma entrada de 1<sup>m</sup>,40, de fôrma de corredor, que mede uns 6 metros de comprimento. Todo o material empregado é granito.— Talvez haja mais de uma muralha.

Pelo castro encontram-se muros de casas; ás vezes estas ligam-se a penedos, como ainda hoje acontece nas aldeias do Norte e do Centro do país. No chão, em todo o ambito do castro, apparecem pedaços de grossos tijolos romanos e de tegulas. O Rev.<sup>do</sup> Nobrega achou um fragmento de loiça pre-romana ornamentada, que eu trouxe para o Museu.

<sup>1</sup> D'ele diz Argote duas palavras nas *Memorias de Braga*, II, 496.

24 de Julho.—Em tempos tive ideia de escrever um livro intitulado «Povos montesinhos (quasi como quem dissesse «semi-barbaros»!) de Portugal», ou com titulo semelhante, e nesse sentido publiquei em 1882 um opusculo acêrca de Soajo, e tenho outro começado ha anos acêrca de Castro Laboreiro, onde estive em 1904. A accumulacão de trabalhos fez-me porém, se não desistir inteiramente da obra, pelo menos procrastinar indefinidamente a realizacão d'ela, tanto mais que o assunto que eu havia de tratar no projectado livro vou-o tratando por partes noutros escritos. Uma das regiões que deviam ser estudadas era *Barroso*, por causa do seu character arcaico ou primitivo. Visto que eu estava em Chaves, e se me ofereceu oportunidade de ir lá, aproveitei-a com toda a satisfacão; só lamento que não pudesse dispor de muitos dias. A excursão demorou umas dez horas, ida e volta (em automovel)! Estudar Barroso em tão pouco tempo tornava-se impossivel. Ainda assim, alguma cousa observei, e alguns objectos colhi para o Museu. A excursão fi-la a convite do D.<sup>or</sup> Antonio Granjo, de Chaves, que tinha de ir a Montalegre em serviço de advocacia, profissão que ele exerce com crédito. Foram conosco outros seus amigos, e entre eles o S.<sup>or</sup> Firmino Morais Soares, a quem particularmente fiquei tambem devendo finezas.

BARROSO é uma região que abrange todo o concelho de Montalegre, quasi todo o de Boticas, e deminuta parte dos de Chaves (Soutelinho), Cabeceiras de Basto (Magusteiro, Formigueiro, Toninha e Moscôso, povoações que ficam na frêguesia de Rio-Douro ou Rio do Ouro) e Vieira (Lamalonga e Campos). O concelho de Montalegre chamava-se outr'ora *Terras de Barroso*<sup>1</sup>, e da extensão da designação falam ainda estas duas denominações de frêguesias do concelho de Boticas: *Covas de Barroso* e *Alturas de Barroso*<sup>2</sup>. A vila de Montalegre tem as honras de passar por capital da região inteira. O adjectivo gentílico de *Barroso* é *barrosão*: «*boi barrosão*»<sup>3</sup>; substantiva-

<sup>1</sup> Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, ix, 552. Cf., quanto á denominação de *Terras de Barroso*, Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arcebispo*, liv. III, cap. 5.<sup>o</sup> (na ed. rolandiana t. I, 1842, p. 403). Figueiredo da Guerra, *Noticias de Boticas*, p. 3, diz *Terra*, no singular, mas creio que inexactamente.

<sup>2</sup> *Alturas* é tambem o nome da serra em que fica a povoação. Cf.: Bâtista, *Chorographia*, I, 595; Figueiredo da Guerra, *Noticias de Boticas*, p. 3. Já antes d'elles dissera Fr. Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo*, liv. III, cap. 6: «Neste limite das *Alturas*, que com muita razão possui tal nome pela eminencia que tem sobre todas as mais serras de Barroso.» (na ed. rolandiana, t. I, 1842, pp. 410-411).

<sup>3</sup> Perry, *Geographia e Estatistica*, 1875, p. 135.

mente *Barrosão*, «habitante de Barroso»<sup>1</sup>. Acêrca do sufixo *-ão* vid. as minhas *Lições de Philologia*, p. 424. No *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* tambem acho consignado o adjectivo *barrosinho*. O sufixo *-inho*, de *-inus*, é o mesmo que em *Bizcainho*, *ribeirinho* (morador na «ribeira», por opposição a montanhês), *montesinho*, etc.; já os Romanos diziam *Praenestinus* (de *Praeneste*), *Arpinus* (de *Arpi*), e hoje dizemos literariamente *Londrino*, *Brigantino*. A respeito de Barroso não ha, que eu saiba, nenhum trabalho geral vasto, mas ha artigos, memorias, referencias, quer em tratados de geografia, quer em revistas, jornais, e opusculos. Abstraindo dos tratados geograficos, citarei aqui, além de outros escritos: os cap. 5 e 6 do liv. III da *Vida do Arcebispo* por Fr. Luis de Sousa (sec. XVII), que, em melodioso estilo, mas um tanto no vago, assinala a aspereza do clima e alude á barbárie dos habitantes, e á poesia popular e danças; *Ensaio topografico estatistico do julgado de Montalegre* por J. dos Santos Dias, Porto 1836; *Revista Lusitana*, t. XI, p. 74 sgs. (extracto do *Bejense* por A. T. Pires), e t. XVIII, p. 223 sgs. («Tradições populares de Barroso» por F. Barreiros: comêço de uma abundante colecção, cuja conclusão será publicada em breve); *Arte e Natureza em Portugal*, n.º VII, com figuras; A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, Porto 1903, p. 24 sgs. (regime pastoral do Barroso); *Noticia do concelho de Boticas* por L. de Figueiredo da Guerra, Viana 1911; *Ensaio de inventario dos castros do concelho de Montalegre* por F. Barreiros, Bragança 1914 (reproduzido no *Arch. Port.*, XX, 211 sgs.); *Portugalia*, I, 665 (arqueologia prehistorica, por José Fortes); uma serie de artigos de Antonio Granjo na *Capital* (jornal lisbonense), de Agosto a Outubro de 1915.

<sup>1</sup> Cf. Julio Moreira, *Estudos da lingua portuguesa*, II, 212, e a seguinte cantiga popular de lá:

Hei-de casar p'ra o Barroso,  
Que é terra de muito pão?

Antes quero morrer á fome  
Que casar c'um *Barrosão!*

(colhida por Fernando Barreiros).—Com quanto o plural classico de *Barrosão* devesse ser *Barrosãos*, diz-se *Barrosões*, por analogia com os nomes que provém do latim *-ones*.—Em Cerdal (Alto-Minho) ha uma familia que tem por alcunha os *Coirãos* (no sing. *Coirão*); este nome deve ter sido originariamente o gentilico de *Coira*; cf. *uva coirã*, especie de uva branca, e em Penafiel *egoa coirana*, isto é, das crias que se fazem em *Coira*. (Estas informações e explicações a respeito de *Coira* deu-m'as o meu erudito amigo e colega D.<sup>or</sup> José Maria Rodrigues, que é natural do Alto-Minho).

O automovel que nos levou a Montalegre partiu de Chaves pela manhã. A rapidez, com que iamós, só me permitia «olhar» para os locais por onde passavamos. A estrada circula através de montes e outeiros, de vegetação rasteira (urze, carqueja), e ferozes de penedia. Nas baixas correm ribeiros pequenos, ao pé dos quais, aqui e além, ha um moinho. A primeira povoação que encontrámos foi Curalha, de cujas antiguidades falei acima. Depois ladeámos o Leiranco, e tocámos na aldeia de Sapiães, que fica num vale de castanheiros, entre aquele monte e o Castro, com algumas casas cobertas de colmo, e eiras em que avultavam canastros; ao lado esquerdo avistava-se uma cova, melhor diríamos sertão, em que jaz a vila de Boticas, espalhada em meio de campos. Vamos em seguida por uma serra extensa e plana, toldada de nevoeiro. O vento fustiga-nos de frente, e cai chuva em borrifos de vez em quando. Agora temos diante de nós campos com *ródas*, *medouchas* e *mêdas* de centeio<sup>1</sup>, nas vizinhanças de Gralhós, que o automovel atravessa, e cujas casas são colmadas como as de Sapiães: pareciam montões de palha que estivessem a secar. Por fim aparece-nos Montalegre num morro, com seu castelo, de que se avista á entrada da povoação a torre de menagem e vários cubelos: vid. fig. 15, extraída de um bilhete postal.

A vila de Montalegre, ou *Muntialegre* (*Monte Alegre*), como diz o povo<sup>2</sup>, consta de duas partes: da *vila* propriamente dita, e de um bairro denominado *A Portela*, que é muito curioso para o etnografo, por as casas serem sem cal, com telhados de colmo<sup>3</sup>, e por habitar aí a maioria da população que trabalha no campo ou vive dos gados.

<sup>1</sup> Chama-se *róda* a um grupo de mólhos de centeio, dispostos em círculo logo em seguida á ceifa, e colocados uns sobre outros, com as espigas voltadas para o centro do circulo: isto tem por fim fazer acabar de secar a «messe», e fazer com que as espigas vão acamando, de modo que se *emmedouchem* mais facilmente. *Medoucha* (= med-oucha) é uma mêda de centeio pequena, que se faz depois da ceifa, no proprio campo, em quanto a «messe» não é *carrada* para a eira. *Mêda* é um montão de molhos de centeio, que se faz na eira, antes da malha: compõe-se, em geral, de 20 medouchas.— Incidentalmente direi tambem que se chama *pousada* ao conjunto de cinco mólhos de «messe»; calcula-se que dá um alqueire, e assim se diz: «esta terra deu tantas *pousadas*», quando se quer declarar a produção que teve.— *Messe* significa «centeio»: *cortar messe*.

<sup>2</sup> Ao passo que na lingua literaria se fez de *Monte* e *Alegre* uma só palavra. *Montalegre* = *Mont'alegre*, por sincope sintactica do *e* do primeiro elemento, o povo lá, e em Chaves, pronuncia separadamente os dois elementos. O mesmo acontece a *Portalegre*, que o povo pronuncia *Porto-Alegre* (expressão que passou para o Brasil, onde serve tambem de nome de cidade).

<sup>3</sup> O colmo segura-se na armação com pedras ou torrões.

Outr'ora havia grandes e bulhentas rivalidades entre os rapazes da Portela e os da vila; hoje vão desaparecendo. A essas rivalidades aludem certamente as duas cantigas populares que lá ouvi:

Raparigas da Portela,	Adeus, bairro da Portela,
Abençoadas sejais!	Bairro da marmuração,
Vós sois as que dais o risco <sup>1</sup>	Donde s'escrevem sentenças
Aonde quer que chegais <sup>2</sup> .	Sem letrado, nem scrivão <sup>3</sup> .

As casas da Portela tem ás vezes á entrada um coberto chamado *cumbarro* (*combarro*)<sup>4</sup>; por dentro são pequenas e porquissimas. En-



Fig. 15 — Montalegre, p. 25

trei numa, toda defumada: a cozinha era contigua á córte do gado, e comunicava com ela.

<sup>1</sup> Isto é: «vós sois quem brilha mais nos adjuntos ou nas danças, e servis de modelo ou norma ás outras».

<sup>2</sup> Entende-se que esta cantiga é originaria do bairro respectivo.

<sup>3</sup> Isto é: «onde se julgam ou criticam os de fóra». — Entende-se que esta cantiga é originaria da vila.

<sup>4</sup> No couto de Ervedêdo (Chaves) chama-se *combarrada* um coberto ou telheiro, cujo telhado é lenha assente em postes; á proporção que a lenha se vai gastando, a *combarrada* vai-se descobrindo, até que ficam só os postes. *Combarrada* está para *combarro*, como *alpendrada* para *alpendre*, e *arcada* para *arco*. — Talvez a palavra venha de *combro* + *-arro*.

As mulheres usam lenço na cabeça, casaco (curtinho), saia e avental, e internamente *saióla* ou *inágoa* (por «anágoa», saia branca), saiote, colete de cotim, e camisa; vestem as pernas com *piucas* ou *meias redondas*, de lã ou de algodão, as quais terminam no tornozêlo; calçam *çocos*, e resguardam os pulsos e parte das mãos com *manguitos* de burel; por cima das costas poem *capa* ou *guarita de crucho* (especie de capuz que cobre a cabeça). Vid. fig. 16, copiada de um bilhete postal. Na *Ribeira*<sup>1</sup> as mulheres trazem pelas costas um avental que se prende ao pescoço por meio de cordões: parece que se chama *mantil*. Os homens usam chapéu de palha, que tem em volta um *cinto*



Fig. 16 — Barrosã

ou fita ornada com um *coração* de çaragoça, e na copa uma *corda* de pano de côr; trazem *blusa* entre a camisa e o colete, e quando não se cobrem com chapéu, cobrem-se com uma *capa de crucho*, como as mulheres.

Tanto os pastores, como certos camponios *curjidosos*, entretem-se às vezes fabricando com arte objectos miudos de pau, por exemplo: rocas, fusos, *espadelas* de espadelar linho, cabos de *seitoiras* de segar centeio, agulhadas, colhéres, pratos, saleiros, bancos, flautas: tudo isto mais ou menos ornamentado á navalha, ora com «ramos»

<sup>1</sup> Acerca do que é *Ribeira*, vid. adiante, p. 30.

(as espadelas), ora com a figura do sino-saimão (as rocas), ora com traços angulares (as seitoiras), etc.<sup>1</sup>. A arte porém que aqui se revela não é tão apurada como a dos pastores do Alentejo: dir-se-ia que ela se executa mais por tradição (por ser esse o costume), do que por gosto individual. Também os Barrosões fazem tranças de palha para chapéus, e põem desenhos nos *jugos* dos bois<sup>2</sup>. Nas figs. 17 (e 17-A), 18 (e 18-A), 19 e 20 represento duas espadelas (cada uma vista das duas faces), um cabo de foicinha ou *seitoira*, e um *jugo*.



Fig. 17

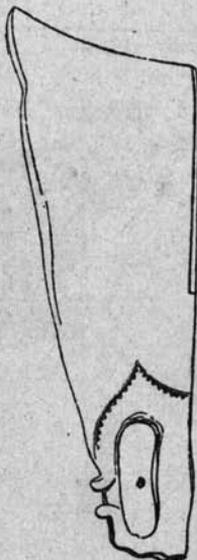


Fig. 17-A



Fig. 18



Fig. 18-A

Espadelas (Barroso)

O que atèqui tenho dito refere-se ao bairro da Portela. A *vila* é mais civilizada, e satisfaz regularmente aos requisitos que se exigem de uma terra da sua categoria, cabeça de concelho e de comarca. Ha nela muitas casas caiadas, e até de certo luxo. Vem a pêlo dizer que quando o frio é grande, as pessoas mais ricas, e que por necessidade tem de estar em casa, aquecem-se á *braseira*, que consta de: *bacia*, de cobre ou de ferro; *mão da bacia*, também de cobre ou de ferro,

<sup>1</sup> Já me referi a estes costumes na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 223, nota.

<sup>2</sup> O *jugo* firma-se no cachaço dos bois, colocado sôbre almofadas chamadas *molhelhas*. Não só por todo o Portugal, mas na Galiza (cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 323), ha *jugos* ornamentados, uns mais, outros menos.

para mexer as brasas; *caixa da bacia* ou *roda*, de madeira. Na fig. 21 dou um desenho de *mão*. A braseira existe mais ou menos por todo o Portugal, mas principalmente no Norte e no Centro; os nomes das suas pertenças é que ás vezes diferem: por exemplo a mão diz-se algures *pá*, *ferra* (*férria*) e *ferrinha*; a roda diz-se *estrado*<sup>1</sup>. Não raro se encontram pás de cobre muito artisticas (de fôrma de *concha*, com cabo)<sup>2</sup>. Na Beira Baixa costumam colocar sobre o estrado da braseira um gradeado cilindrico, a modo de gaiola, ao qual se chama *enxugador*, porque aí se enxuga roupa, lenços, etc. Só os ricos, como disse, ou os remediados, se aquecem à braseira; os pobres aquecem-se na cozinha, em volta do lume que arde no lar. Também quem não



Fig. 21—Mão de braseira

Fig. 19—Cabo de seitoira, p. 28

quer ou póde adquirir braseiras se serve de um fogareiro, ou de um assador, posto com brasas em meio de uma sala ou de um quarto, como tenho visto em diversas terras. As condições climaticas fazem que a Etnografia varie de provincia para provincia.

Outra prova da civilização da vila de Montalegre está em se publicarem nela dois jornais, um com titulo local, o outro com titulo regional: *O Montalegrense*, semanario republicano, que á data de 22 de Julho de 1915 contava 3 anos, e 122 numeros; e *O Crente de Barroso*, semanario catolico, «defensor dos interesses de Barroso», que á mesma data contava 3 anos, e 106 numeros. A par com os assuntos que cada um se propôs especialmente tratar, tambem por

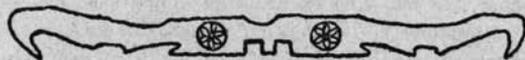


Fig. 20—Jugo barroso, p. 28

vezes encerram versos e noticias historicas; o *Crente de Barroso* publica neste sentido umas «Ephemerides de Montalegre», que são curiosas e de valor para a historia da terra. Melhor fôra que os jornais da provincia se occupassem sempre, e com seriedade, das cousas das respectivas localidades, do que, como é freqüente, dessem rédeas ao facciosismo, sem utilidade para ninguem, antes com desdouro para elles proprios.

<sup>1</sup> Em hespanhol: *brasero* «bacia», metalica; *tarima* «estrado»; *badila* «pá».

<sup>2</sup> A propria palavra *concha* se usa como termo tecnico, a par de *mão*, por exemplo em Freixo-d'Espada-á-Cinta, embora aí *mão* seja mais vulgar.

O castelo, de que já acima ofereci ao leitor uma vista (fig. 15), ergue-se num extremo da vila, sobranceiro á Portela, e ao Cávado, que murmura lá em baixo, em leito de fraguados.

Os rios, como não se ignora, servem a cada passo para delimitar e denominar regiões. Pelo que toca a Montalegre, existe no concelho um tracto de terreno que, por avizinhar o Cávado, se chama por antonomasia *o Rio*, e comprehende as seguintes povoações: Cambeses, Frades, Cezelhe ou Sezelhe, Travaços, Covelães, Paredes, Fiães, Loivos, Contim, S. Pedro, e Vilaça. Algumas d'estas palavras empregam-se seguidas de *do Rio*<sup>1</sup>, por exemplo: *Paredes do Rio*<sup>4</sup>, *Travaços do Rio*<sup>2</sup>, *Fiães do Rio*<sup>3</sup>, etc.<sup>4</sup>.—Não se confunda *Rio* com *Ribeira*, expressão que tambem se usa, e a que ponho aqui como documento uma cantiga popular:

Antes que <sup>5</sup> sou de Barroso,	Tambem sei notar cantigas
Criado na carrasqueira <sup>6</sup> ,	Ás meninas da <i>Ribeira</i> <sup>7</sup> .

Chama-se *Ribeira* á zona oposta á montanha: assim de Boticas para alem é—a *Ribeira*, e o mesmo se diz do territorio que fica para os lados de Cabril, em posição baixa<sup>8</sup>.

A proposito de nomes de terras: ouvi dizer a várias pessoas *Meixêdo*, em vez de *Meixêdo* (frèguesia do concelho de Montalegre), como vulgarmente se escreve; essa palavra está por *\*ameixendo*, a

<sup>1</sup> Assim chamada, por opposição a *Paredes de Salto*, que fica noutro sitio, embora dentro do concelho.

<sup>2</sup> Por opposição a *Travaços da Chã*. Incidentalmente notarei que *Travaços* se deve escrever com *ç*, e não com *ss*, como geralmente se faz. Ha em Portugal outros *Travaços*, e tambem ha *Travaçó* e *Travaço*. Em docs. ant. lê-se *Travazoo*, *Travazolo*, *Travazoos*; em galego ha *Trabazas*, *Trabazos*; em asturiano *Trabazo*. Tudo isto prova que hoje se deve escrever com *ç*, que corresponde ao arc. *z*, ortografia mantida em galego e asturiano. O etimo pôde ser o lat. *trabs*, no sentido de «tronco de arvore» e «arvore» (Georges, etc.). Teriamos *Trav-aço*. Cf. quanto ao sentido *Trave*, *Traveira*, *Toca*, *Tocas*, *Tronco*, *Troncal*, e quanto á fórma *lam-aço*, *Lam-aç-aís*, *Lago-aça*, *Ago-ac-eiras*.

<sup>3</sup> Provavelmente por opposição a uma *Fiães* do vizinho concelho de Boticas.

<sup>4</sup> Na *Rev. Lusit.* xviii, 279, publicou o S.<sup>or</sup> Braga Barreiros duas cantigas em que se fala de *Fiães do Rio* e *Frades do Rio*.

<sup>5</sup> Significa «ainda que».

<sup>6</sup> Significa «terreno de carrasco». É o mesmo que *rascalheira*.

<sup>7</sup> *Rev. Lusit.*, xviii, 278 (F. Barreiros).

<sup>8</sup> Igual contraste entre *ribeira* e *montanha* ou *serra* se assinala noutras provincias: cf. *Ensaio Ethnographicos*, II, 154 e 187-188. No Alto-Minho diz-se *nos montes*, tambem por opposição a *na ribeira*: vid. *Rev. Lusit.* xix, 173 (Alves Pereira).

que corresponde em galego moderno *ameixenda* « terreno plantado de ameixieiras » e nos nossos documentos medievais *Ameixenedo*.— Na pronúncia popular de Barroso notei que existe diferença entre *ç-z* e *s-f* (*çume* por « çumo » da uva, a par de *sume-te* « sóme-te », *cozer* ao lume, a par de *coser* com agulha), e notei que *on* à tono soa *un* (cf. os já citados *Muntialegre* e *cumbarro*), e correspondentemente *en* soa *en* (= *e* atono nasal).

Na minha visita acompanhou-me pela vila o ilustrado Advogado, D.<sup>or</sup> Abel de Mesquita Guimarães, e com o seu auxilio adquiri estes objectos para o Museu Etnologico: duas *espadelas*, de ramos, isto é de madeira, ornadas com ramos gravados nelas (para espadellar linho); um *cabo* de *seitoira*, tambem ornamentado, e parte de outro<sup>1</sup>. O S.<sup>or</sup> José de Morais Caldas, farmaceutico, ofereceu-me um antigo *boião de botica*, de faiança. Na secretaria da Camara obtive um exemplar das *Posturas Municipais* de Montalegre.

25 de Julho de 1916.—Após tanto trabalho que eu tinha tido, umas poucas de horas cada dia da semana nos exames, cópia de nomes de propriedades na Repartição de Fazenda, excursões e buscas archeologico-etnograficas, cláro está que eu devia consagrar ao menos meio dia a descanso, e isso fiz, na pacata e verdejante quinta de Samaiões<sup>2</sup>, a convite do meu amigo D.<sup>or</sup> Francisco de Barros, que com toda a sua illustre familia muito me obsequiou.

Na ida de Chaves para Samaiões passei á vista de um outeiro, que se ergue á direita da estrada, e se chama *da Senhora da Conceição*. Havia lá uma capela, com sua fonte. A capela demoliram-na, e a fonte secou. « Parece que até foi castigo! », acrescentou uma mulher que encontrei no caminho, e que me contou o que deixo dito.

\*

Objectos que obtive em Chaves para o Museu Etnologico, além dos já mencionados:

duas *bonecas* de pano (brinquedo infantil; tambem lhes ouvi chamar *bruxinhas*; noutras partes chamam-lhes *nenas*);

<sup>1</sup> Já depois que voltei a Lisboa, o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Abel de Mesquita Guimarães teve a bondade de não só responder a algumas perguntas que lhe fiz, mas de me remeter para o Museu duas rocas artisticas, feitas por um pastor de Cambeses.

<sup>2</sup> *Samaiões* é tambem o nome da frêguesia em que está a quinta. Parece-se, quanto á terminação, com *Avões*, *Alvações* e outros: talvez todos representem genetivos possessivos medievais (\*Alavonis, \*Alvationis, etc.).

um *ruge-ruge*, de lata (outro brinquedo infantil, correspondente á «roca» de que falei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 212);  
 um *quartilho* e uma *caneca*, de pau (medidas antigas);  
 um *tinteiro* & *areeiro* de loiça preta, com estojo de madeira;  
 uma coleção de estampilhas postais mandadas fazer pelo príncipe D. Miguel II ou seus partidarios, em 1912, — oferta do S.<sup>or</sup> Antonio de Pádoa Pereira Coelho;

meio-tostão de D. Sebastião, e uma moeda de cobre de Constantino;

um *almofariz* de pau, e respectiva mão;

uma pedra achada nas areias do Tamega, e que parece mó pre-historica;

um exemplar do *Codigo de posturas* de Chaves, 1907;

duas vasilhas grandes de pau, que levam um cantaro cada uma;

um *pilão* ou peso de tear, feito de raiz de urze (Curral de Vacas);

duas *bolas de brunir* panelas de barro (de uma olaria), e um *seixo de brunir* botas (de uma çapataria), objectos que adquirir, por serem documentos do emprêgo actual da pedra, como material industrial;

um *tinteiro* de chifre, oferecido pelo Rev.<sup>do</sup> Abade de Chaves, Manoel José Teixeira Barros;

uma colhér artistica, tambem de chifre, — oferta do S.<sup>or</sup> Pádoa Pereira Coelho;

uma *braseiro* de ferro;

um *reclamo* de chamar as codornizes na caça (composto de três partes: *osso de assobio*, *fole* e *bolota*), — oferta do S.<sup>or</sup> João Felipe Rodrigues Sousa;

um *reclamo* de chamar os coelhos (especie de fole curto), — oferta do S.<sup>or</sup> João da Silva Bravo;

uma *remeia*<sup>1</sup>;

uma *roca*, de lata, de apanhar fruta das arvores.

O S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Luis da Conceição Morais Alves prometeu enviar-me um machado de bronze e um de pedra, que possui. Ainda não os recebi. Quando chegarem ao Museu, falarei d'elles em especial.

26 de Julho de 1916. — Depois de presidir aos exames do Liceu de Chaves, tinha de ir presidir aos do Liceu de Bragança, e por isso retirei-me d'aquela vila em 26. Fiz caminho por Valpaços e Mirandela.

<sup>1</sup> Vide supra, p. 4.

Sai de Chaves para Valpaços ás 7 da tarde no automovel da carreira. A estrada ladeia a serra do Brunheiro. Ficam-nos á esquerda vales fundos, em que verdejam quintas. Ás vezes um ribeiro corre por meio de penhascos, d'onde se alcandoram moinhos d'agoa. Em certos pontos apresenta-se-nos diante dos olhos a surpreendente vista da *veiga*, com a vila de Chaves apinhada em tórno do seu castelo, e fitas brancas de estradas em todas as direcções. Que tom de nobreza vem sempre de um castelo velho a uma terra!—Pujantes soutos de castanheiros deleitam os olhos. S. Lourenço, de casas escuras, apparece um pouco adiante, de ambos os lados da estrada. Depois, no alto de uma encosta, espreita S. Julião por entre mais castanheiros, á direita. A paisagem que se segue é arida, e sem horizontes: a estrada atravessa matagais, e serras de vegetação curta. Passa-se por uma aldeola chamada *Barracão*, nome que não póde ser mais prosaico. Ao lusco-fusco atravessei Vilarandêlo, e aí parei uns minutos para contemplar com mágoa um marco miliario romano que jaz ao desamparo, estirado numa valeta, á beira da estrada. Digo *com mágoa*, porque, havendo-me dado ha muitos anos noticia da existencia d'ele o S.<sup>o</sup> Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, tenho empregado todos os esforços possiveis, perante personagens politicos de vulto, para salvar esse importante documento da nossa historia antiga, e nunca ninguem me atendeu, —nem no tempo da monarchia, nem no da republica!

Cheguei a Valpaços ao anoitecer.

27 de Julho.—Em companhia do S.<sup>o</sup> Joaquim de Castro Lopo, a quem já me referi, e que é pessoa muito inteligente, culta, e dada a estudos regionais, corri a vila de Valpaços, e andei pelos arredores.

Na vila poucos edificios existem que tivessem importancia para os meus estudos. Entrei numa casa fidalga (muito desmantelada): pateo lageado no rés-do-chão, com escadaria para o andar nobre, salões de tectos de talha, janelas de sacadas de ferro, capela, brasão d'armas na frontaria. Vi outras de character popular, com varandas de madeira voltadas para a rua, e nestas vasos de flores que sobressaíam para fóra das grades. A casa da Camara é moderna, edificio de certa grandiosidade: tem uma bibliotecazinha, onde existe, oferecido por um benemerito, um exemplar da reprodução que ha anos se fez do Missal de Estevão Gonçalves. Parte do meu tempo na vila empreguei-o em copiar nomes nas matrizes prediais da Repartição de Fazenda, onde, como em todas, os ha curiosos, por exemplo: *Eira Pedrinha*, designação igual a uma da lingua comum, que se emprega por opposição a *ceira*

de terra calcada e solidificada com bosta de boi»; *Terreiro Grande*, onde *terreiro* é também da lingua comum, na acepção de «terreno extenso e arido, que só produz centeio» (em textos arcaicos *terrêo*, do lat. *terrenu-*); *Rechouso*, de re-clausu-, *Recovo* = re-côvo, *Retorta* = re-torta, palavras onde entra o prefixo *re-*, de que falei acima.

Nos arredores da vila visitei a *Pedra que bole* (tambem chamada *Outeiro que bole*), porque na linguagem de Valpaços a palavra «penedo» diz-se *outeiro*: é do genero dos penedos balaouçantes, e d'elles falei nas *Religiões da Lusitania*, I, 400 (-401), nota 1<sup>4</sup>.



Fig. 22 — Cabo de seitoira, p. 35

Para o Museu Etnologico alcancei os seguintes objectos:

várias moedas romanas de cobre, oferecidas pelo S.<sup>or</sup> Joaquim de Castro Lopo;

um *leituario*, um *estanca-sangue*, e um *escrito*, objectos de character magico, oferecidas pelo mesmo S.<sup>or</sup> 2;

um exemplar das *Posturas Municipais* de Valpaços, oferecido pelo mesmo S.<sup>or</sup>;

duas moedas romanas de cobre, e algumas portuguesas de cobre e de prata, oferecidas pelos S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> José Joaquim Pereira de Miranda Branco;

<sup>1</sup> Em Chaves ouvi chamar a tais penedos: *fragas bulideiras*.

<sup>2</sup> O *leituario* e o *estanca-sangue* são pedras de fôrma de conta, que servem de amuletos: aquele, para que ás mulheres que andam a criar, e o trazem, não falte leite; este, para suster hemorragias (uterinas, etc.). As virtudes provêm da côr leitosa de uma das pedras, e da côr sanguinea da outra (magia imitativa). O *escrito* é um papel, dobrado ou fechado, que contém uma oração escrita por um padre (ou impressa), a qual tem efficacia contra doenças de pessoas e de animais (o *escrito* anda junto ao pescoço, e nunca deve abrir-se, senão perde a virtude; ás vezes o doente ignora que o traz consigo. Nos animais anda naturalmente ao pescoço, por exemplo, nos porcos). A palavra *nómima* (substantivo feminino do singular, tirado do lat. *nomina*, plur. de *nomen*), que na nossa lingua antiga significava bolsinha com orações, reliquias, etc., deve ter origem numa ideia semelhante á que o *escrito* representa: cf. Bluteau e Moraes, nos respectivos Dicionarios. Em todas as religiões se atribue a certas palavras misticas e ás orações grande poder magico, e por isso se podem trazer *escritos*, como aqui, com a fôrma de amuleto: cf. Achelis, *Abriss der vergleichenden Religionswissenschaft*, Leipzig 1904, pp. 45-47. Ouvi falar de *escritos* tanto em Valpaços, como depois em Bragança, e já os conhecia de outras localidades. Em Miranda do Douro vi ha anos entre o povo orações d'estas em hespanhol. — Além das superstições que ficam apontadas, colhi outras, e tambem amostras de léxico provincial; porém não é aqui o lugar de tratar de tais assuntos.

várias moedas portuguesas de cobre e de prata, oferecidas pelo S.<sup>or</sup> Eugenio Ricardo de Macedo;

duas moedas de prata portuguesas oferecidas pelo S.<sup>or</sup> Antonio Maximino Carneiro;

uma *galha* de chifre, ornamentada, — obra de um pastor<sup>1</sup>;

um *cabo de seitoira*, tambem com ornamentos, obra igualmente pastoril (vid. fig. 22).

28 de Julho. — De Valpaços para Mirandela fui na diligencia da carreira, e para poder gozar melhor os panoramas, tomei lugar fóra, ao pé do cocheiro.

Á saída da vila desenrolam-se diante de nós belas vinhas, entremeadas de penedos graniticos, aqui chamados, como já disse, *oiteiros*. Tambem se encontram *soutos*. Passa-se á vista da Capela de Santa Comba, que se levanta lá ao longe num monte conico, do mesmo nome. A proposito contou-me a seguinte lenda uma mulher que ia ao pé de mim. Havia numa casa sete irmãs, e fugiram aos inimigos que as perseguiam; quando Santa Comba, que era perseguida por S. Leonardo, chegou ao pé de um penedo, disse:

Abre-te, fraga bemdita,  
P'ra se meter Comba-Maria!

e logo a fraga se abriu, e a santa ficou lá dentro defendida<sup>2</sup>.

A certa distancia, no caminho em que vamos, acaba o granito e começam terrenos de xisto, escalvados. Adiante passa-se um ribeiro ao pé do qual fica a aldeia de Rio Torto; o ribeiro chama-se por isso *ribeira de Rio Torto*, mas já se vê que a princípio devia ter-se chamado simplesmente *Rio Torto*, e imposto o nome à povoação, porque por estes sitios dão com frequencia o nome de *rios* a mingoados ribeiros, como este. Em todo o caso, se outr'ora o consideraram *rio*, hoje consideram-no *ribeira*. Observa-se aqui um fenomeno complicado, mas

---

<sup>1</sup> Ha em Valpaços alguns pastores (de gado lanigero e cabrum) que nas horas vagas, emquanto o gado pasce ou descansa, se entretem executando com arte trabalhos á navalha, como *galhas*, *rocas*, *paus* ou «bordões» de trazer na mão. Tambem fazem palitos. Os melhores pastores-artistas actualmente são os *Curopas*, familia originaria de Curopos, povoação do concelho de Vinhais. A um d'elles se deve a feitura da *galha*, a que no texto me refiro: vasilha igual á «corna» alentejana, e na qual se leva a merenda para o monte.

<sup>2</sup> Cf. *Religiões da Lusitania*, I, 382 (nota) — Tambem colhi a proposito algumas cantigas, que não importa reproduzir aqui.

muito vulgar: uma povoação recebe o nome do rio ao pé do qual se constituiu; o rio, com o correr dos anos, recebe o nome da povoação; além d'isso, ora temos *rio*, ora *ribeira* como sinónimos de «ribeiro», isto é, de «rio pequeno».

Agora vamos já na *Terra Quente*, povoada de oliveiras. Os castanheiros terminaram com o solo granítico. A estrada é só, e triste-nha. A oliveira não é arvore que ponha graça na paisagem. Deixámos em cima uma povoação denominada *Ribeiro de Liléla*, e vimos em seguida, á esquerda, a quinta de Leirós, que são meia duzia de casas: por aqui, e igualmente por outros pontos de Tras-os-Montes, e no concelho de Mangualde, chamam *quinta* a uma povoação assim pequena. A estrada acompanha o Rabaçal, á direita; altos e frondentes amieiros cercam o rio, ao mesmo tempo que suaves colinas decaem para ele. Ao longe mostra-se-nos Eixos, com algumas casas de telha, e paredes caiadas; é tempo de malhas, e por isso muitas *mêdas* de centeio se empinam nas eiras. Chelas<sup>1</sup>, outra aldeia, goza do *apelido*, ou «alcunha», de *terra das barbas*, porque existiu aí, segundo a lenda, uma velha que em certas circunstancias *dava barbas aos homens*, isto é, fazia que lhes nascessem imediatamente. Se um ousado forasteiro diz em Chelas a alguém: *dá cá as barbas*, logo correm atrás d'ele mulheres e homens com espetos, paus, pedras, e atiram-lhe tiros, como ha pouco succedeu a um soldado. Toda a gente conhece semelhantes motejos por esse país fóra: *morte do juiz de Mortagoa*, *orgãos de Olhão*, *Maio de Lagos*, *cadeira do Padre Veríssimo* em Vallongo (com o qual sempre na estação do caminho de ferro embicam os passageiros da 3.<sup>a</sup> classe), etc.<sup>2</sup>.

Pouco adiante une-se ao Rabaçal o Tuela, e ambos formam o Tua. Ao passo que o Rabaçal toma o nome claramente de uma planta

<sup>1</sup> Sem artigo (não *as Chelas*), embora a palavra, como creio, venha de *planelas*. Deve ter tido artigo outr'ora.

<sup>2</sup> São de várias especies as satiras que umas povoações (por causa de rivalidades, etc.) dirigem a outras: umas vezes consistem em anedotas lendarias, como as que ficam indicadas; outras vezes não passam de meras *alcunhas*, por exemplo, *alfacinha*, *tripeiro*; outras vezes tem a fôrma de proverbios, como *Sanjoaneiros comem cornos de carneiros*; finalmente apresentam-se como cantigas (vid. supra, p. 26). Se ha motejos que podem ser muito offensivos, ou ao menos se tem por isso, ha-os tambem que são innocentes, por exemplo a lenda da *noiva de Arraiolos*.—Não raro as povoações motejadas sabem contrapor elogios aos motejos, elogios, que são igualmente tradicionais. Ainda sem esta ideia de contraposição, não faltam cantigas encomiasticas de terras e de povos (*cantigas geograficas e etnicas*).

aquatica, a *rabaça*, a palavra *Tua* é muito antiga (como o prova o diminutivo *Tuela*, formado com um sufixo arcaico), e acaso aparentada com *Tudae*, fôrma pre-romana de *Tuy*. Derivação semelhante à de *Tuela* é *Vouzela*<sup>1</sup>, e com outro sufixo, *Mondeguinho*, nome do Mondego na parte superior e mais pobre do seu curso. — Continuámos na jornada a encontrar monotonas encostas pedregosas e nuas, ou, quando muito, cobertas de mato ou de restolho; só nas baixas avultam oliveiras, ou verdeja painço de cor desbotada. A margem direita do *Tua* por onde segue a estrada é alta e declivada. O rio corre sereno, deixando estendidos lençóis de areia aqui e acolá, pela margem esquerda, a princípio, e depois também pela margem direita. Numa bacia já se descobre *Mirandela*, com seu casario de telhados vermelhos.

A entrada da vila predispõe bem o viandante que chega fatigado: estrada plana, ponte espaçosa sobre o rio, precedida de dois elegantes nichos<sup>2</sup>. De um lado a povoação, do outro hortas e pomares. Diz-se de *Mirandela* que

Quem bem a *mirõu*,  
Nela ficõu...<sup>3</sup>,

e eu também fiquei nela umas horas, até que chegasse o comboio que havia de me levar a *Bragança*. Em *Mirandela* encontrei-me com o meu aluno na Faculdade de Letras, S.<sup>or</sup> *Aleixo de Lemos*, que me acompanhou na visita da vila e me facilitou a cópia que fiz de alguns nomes na Repartição de Fazenda. Com o seu auxilio obtive os seguintes objectõs para o Museu Etnologico: várias moedas portuguezas, dois punções antigos de aferição de medidas, e um exemplar das *Posturas Municipais*.

Pela tarde parti para *Bragança*. A paisagem até lá é muito inconstante. Ou ladeamos ribeiras e olivais que nos chamam á vida, ou nos fatigamos atravessando montes e campos de restolho. Entre as estações de *Salselas* e *Sendas* ha uma região sem oliveiras: o povo

<sup>1</sup> Vid. *Lições de Philologia port.*, p. 334.

<sup>2</sup> Uma cantiga popular que depois ouvi na vila diz:

A ponte de <i>Mirandela</i>	Contei-os ontem á noite,
Tem vinte e cinco olhais («arcos»):	Tem dezoito nada mais,

ou, em vez do 3.<sup>o</sup> verso: Inda ontem lá passei.

<sup>3</sup> Este benevolo ditado deve-se á gente da terra. A de fôra usa um oposto: vid. os meus *Estudos de Philologia mirandesa*, t. 1, p. 6.

conta que está lá um Santo que não as deixa passar para diante. Temos nesta lenda o rudimento de um mito cosmico: explicação maravilhosa de um fenomeno natural, que resulta de condições geognosticas locais.

De 29 de Julho a 16 de Agosto tive em Bragança serviço de exames; todavia, como em Chaves, aproveitei as horas vagas e os dias feriados para excursões, buscas na cidade, visita do Museu Municipal, cópia de nomes na Repartição de Fazenda, e estudos e observações várias.

O Norte de Tras-os-Montes divide-se em *terras*: por exemplo, *terra de Miranda*, *terra de Vinhais*. De modo semelhante se diz *terra de Bragança*, como poeticamente o atesta uma cantiga:

[Vós] chamais-me *mira*, *mira*,  
Eu não sôu de Mirandela,

Sôu de *terra de Bragança*,  
Provincia de Trás-da-Serra,

cantiga em que, por causa da rima, a última expressão substitue de modo curioso *Trás-os-Montes*. Farei aqui uma observação. Ainda no sec. XIV *Trás-os-Montes* era uma frase onde *Trás* tinha função de preposição: num documento publicado pelo Sr. Moura Coutinho no *O Arch. Port.*, XIV, 309, lê-se «Justo Giraldes Corregedor por *mỹ tras os montes*» (e não com *em* preposto, como se imprimiu entre colchetes). Depois é que *tras* perdeu a sua função, e se encorporou no resto da frase, valendo tudo por uma só palavra, e tanto, que esta se pôde fazer preceder de preposição: *em Trás-os-Montes* (ou *em Trallomontes*); contudo a encorporação não é tão absoluta, que na mente do povo não ficasse certo ressaibo da composição primitiva, como a cantiga o mostra, visto que a *Trás-os-Montes* corresponde nela sinonimamente *Trás-da-Serra*, e visto que se diz *Trás* e não *Tras* (= *trás*); além d'isso não pôde juntar-se-lhe artigo.

A cidade de Bragança fica junto do Fervença<sup>1</sup>, que a separa de altas montanhas, por cujas encostas se entremeiam hortas, casas, capelas. Consta de duas partes: a parte moderna, ou cidade propria-

<sup>1</sup> *Fervença* significa que em algum sitio do seu percurso o rio faz ou fez cachão: o aspecto da espuma deu a ideia de «fervença» ou «fervura». Na ribeira da Rapa (concelho de Celorico da Beira) ha uma quêda d'agoa, entre outras menos notaveis, chamada tambem *Fervença*. E não são estes os unicos exemplos do emprego de *Fervença* no nosso onomastico.

mente dita, e a *vila*. Em ambas elas as ruas são calçadas de seixos rolados, o que faz o desespero dos pés, e o destrôço dos çapatos, não obstante o palhuço e papeis rotos que as atapetam. Os passeios laterais ou são construidos pelo mesmo sistema, apenas bordados de estreitas faxas de granito, ou todos d'esta rocha, tão poidos e escavados, que quem vai por eles recebe a impressão de que se meteu num vale, — se é que antes d'isso não tropeça nas beiras <sup>1</sup>. Como na terra ha muitos soldados, movimentam-na bastante, passeando-a em grupos, e apparecendo por toda a parte, sobre tudo onde possam descortinar raparigas, nas fontes, nos lavadoiros do rio, na praça, e ás portas dos hoteis. De vez em quando surge de uma esquina, montado num gerico, um camponio, de chapêu de palha, e com os pés sem meias, ao dependurão: alguém que de Gimonde, Sâmil, Alfaião, Rabal, Failde, Fermil, vem á cidade prover-se de panos ou de arroz. Em Bragança ha alguns edificios dignos de nota, a sé, o paço episcopal, outras igrejas, etc.; as casas do interior da cidade apresentam porém pela maior parte aspecto pobrissimo: frontarias velhas, com velhas janelas de caixilhos, em que se baloiçam trapos ao ar para enxugarem. Estamos no estio, mal se respira, apesar dos largos horizontes, que são de febril seqidão: campos amarelos; eiras atravancadas de palha, que reluz ao sol, e deve esaldar como braseiro aceso. Raramente a vista alcança ao longe nesgas de vinhas verdes e de castanhais, ou um sabugueiro, de pouco possante ramagem, ergue a copa d'entre o casario desigual e negro.

A parte mais alta e mais antiga da cidade, onde de certo existiu Brigantia<sup>2</sup>, chama-se a *vila*. Vai-se para lá pela Costa Grande, rua ingreme, que começa no Principal (largo). Ao alto, á direita, ha uma casa apalaçada, do sec. XVIII (como creio), com janelas rasgadas; a metade inferior d'estas é formada por almofadas de pedra, como as que se usam nas portas de madeira. Logo a cima ha outra casa mais antiga com um arco de volta redonda escultrado de flores e bólas. Na vila está a celebre *porca de pedra*, de que falei nas *Religiões da Lusitania*, III, 22-23: monumento funerario da epoca dos Lusitanos, que hoje serve de base do pelourinho brigantino. Tambem aí está a antiga *Casa da camara*, de estilo romanico, joia architectonica muito notavel, tanto mais que, por ser de caracter

<sup>1</sup> A não haver pedras para substituir as que existem, podiam volta-las do avêso, como se faz á roupa usada.

<sup>2</sup> Cf. *O Arch. Port.*, III, 57-58.

civil, constitue entre nós monumento de grande raridade (fig. 23)<sup>1</sup>. Na ocasião da minha estada em Bragança tratava-se de obter do Governo os meios necessarios para acudir ao lamentavel desamparo a que a indiferença das gèrações passadas a condenara. Outro edificio da vila, que merece menção, é o castelo (torre de menagem): fig. 24<sup>2</sup>. No que toca á Etnografia oferece a vila alguns elementos de estudo



Fig. 23 — «Casa da camara» de Bragança, pp. 39—40

ao investigador, principalmente a respeito das casas e seu arranjo: tomei varias notas, que publicarei em ocasião mais azada<sup>3</sup>.

Não pretendo fazer uma descrição de Bragança: circunscrevo-me em trasladar do meu canhenho varios apontamentos que aí lancei ao

<sup>1</sup> Extraída de um bilhete postal, edição de Adriano Rodrigues.

<sup>2</sup> Extraída de um bilhete postal.

<sup>3</sup> Numa das visitas da vila acompanhou-me o meu amigo S.<sup>or</sup> Francisco de Moura Coutinho, Director da Agencia do Banco de Portugal, cultor entusiastico de estudos genealogicos, pessôa de gôsto artistico, e que goza de muita consideração entre os Brigantinos. Noutra visita acompanhou-me o S.<sup>or</sup> Daniel Rodrigues, Professor do Liceu, autor de alguns trabalhos etnograficos acerca da provincia, e a quem, se não esmorecer, está reservada proveitosa colheita scientifica, tanto porque o solo é extremamente fecundo, e ainda em grande parte inexplorado, como porque o S.<sup>or</sup> Rodrigues é rico, é moço, e sabe muito bem inglês e alemão, e pôde pois adquirir e ler boas obras estrangeiras que o fortifiquem nas investigações, e lhe alarguem o ambito das mesmas.

sabor das impressões recebidas; por isso vou tratando os assuntos um pouco soltamente. Passo agora a referir-me ao Museu Municipal.

O Museu Municipal deve-se originariamente ao zêlo patriótico do S.<sup>or</sup> Albino Pereira Lopo, Oficial do exército, que os leitores

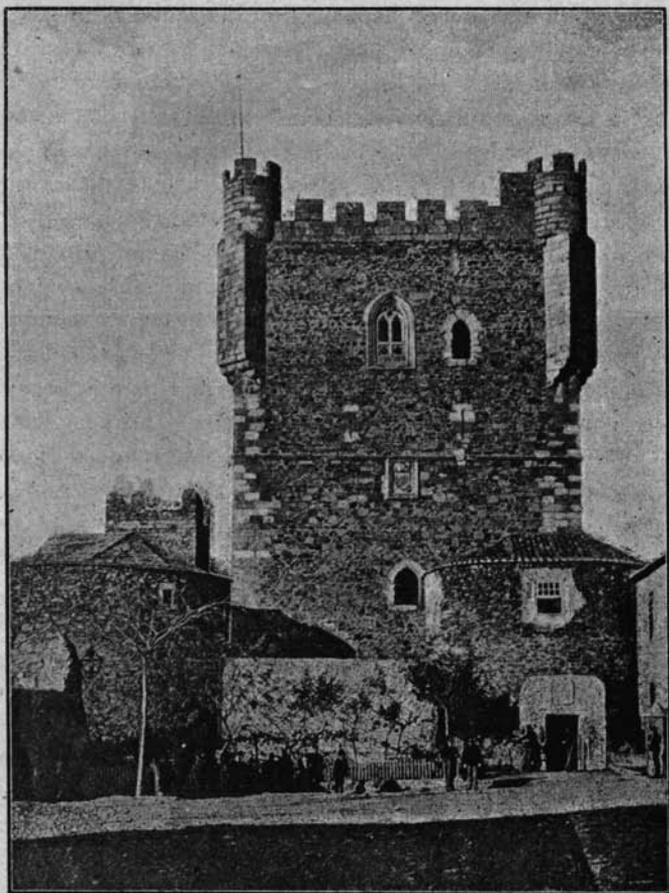


Fig. 24 — Castelo de Bragança, p. 40

dO *Archeologo* conhecem por muitos artigos que aqui tem publicado<sup>1</sup>. O mesmo jornal acompanhou a fundação e sucessivo desenvolvimento

---

<sup>1</sup> É também autor de um livro intitulado *Bragança e Bemquerença*, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1898-1899. Acerca de Bragança ha outra monografia moderna, como adiante direi.

do Museu: vid. vols. I, pp. 48, 99, 155, 244; II, 153 e 253; VI, 95; VII, 54, 273, 274; VIII, 254; etc. Este estabelecimento não ocupa, infelizmente, edificio que condiga com a quantidade e importancia dos objectos que possui. Tudo está muito acumulado e mal arrumado, por falta de espaço e de mostradores. E contudo o visitante admirará aí belas fibulas de bronze, de tipo iberico, e numerosas lapides lusitano-romanas em que se vêem inscrições latinas e esculturas simbolicas, que nos falam da lingua e costumes funerarios e religiosos dos nossos antepassados. A par com isto contém o Museu machados prehistoricos de pedra e de bronze, miudezas romanas, moedas portuguezas, estrangeiras e também romanas, pergaminhos, loiças, algo de Etnografia moderna (garfo & colher de pau, flauta com ornatos de estanho).—Ultimamente criou-se em Bragança um Museu regional, dependente do Govêrno; o antigo Museu Municipal ficou encorporado nele<sup>1</sup>. Belo local para museu seria o paço episcopal, onde ha restos da biblioteca dos bispos, que contém muitos pergaminhos importantes. Por de baixo da biblioteca fizeram uma cavalariça militar; quem está em cima consultando os livros nem aguenta o mau cheiro que vem da loja, nem o tropear dos animais. É singular que as pessoas que superintendem nestas cousas não achassem acomodação mais propria para cavalos do que os baixos de uma biblioteca!—Já que estou falando de velharias, lembro a conveniencia de transportar para o Museu o traje, se ainda existe inteiro, do curioso personagem que desempenhava noutros tempos o papel de «Morte» na procissão da cinza. Este costume, como o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Adolfo Coelho mostrou, relaciona-se com a cerimonia mitica, ao presente não compreendida, de *expulsar o Inverno*, na qual o Inverno representa a Morte<sup>2</sup>. Do traje, a que me refiro, vi parte (casaco e calças de lona oleada) na sacristia da igreja de S. Francisco; havia também, segundo me informaram, uma mascara de couro, um capacete de papelão, e uma *gadanha* de folha de ferro, como as de segar feno,—mas isto não sei onde pára.

Como o meu desejo de conhecer os costumes populares me levava ás vezes ao campo, tive numa d'elas ensejo de assistir a uma *malhada* na eira do S.<sup>or</sup> Abilio Zôio, que é um dos bons proprietarios da cidade, e ao mesmo tempo amador de livros antigos e possuidor de

---

<sup>1</sup> Vid. *Diário do Govêrno*, n.º 248, 1.ª serie, de 4 de Dezembro de 1915. O decreto da criação tem a data de 13 de Novembro de 1915.

<sup>2</sup> Vid. *A Tradição*, I, 33-38. A 1.ª parte do artigo saíra antes, em 1877, na *Renascença*, p. 10.

muitos. Na *eira* havia *medas* e *medeiros*: as medas forma-as o centeio quando ainda em grão; os medeiros são só de palha já malhada. Assim que lá cheguei, acercou-se de mim um malhador, tirou-me o meu chapéu, e deitou-me um lenço ao pescoço, o que significava que eu era *multado em um vintem*, por vir de fóra. Creio que temos neste costume o vestigio de um acto magico-religioso, que entra na categoria dos *Rites de passage* estudados por A. van Gennepe<sup>1</sup>; é analogo ao de «pagar a patenta», que vigora em muitas partes do nosso país<sup>2</sup>.—No fim da malha armou-se dança entre rapazes e raparigas, e cantaram-se canções.

Outra ocasião que saí da cidade, fui a Castro d'Avelãs, não porém agora por causa de Etnografia, e sim por causa de Arqueologia. Acompanhou-me o S.<sup>or</sup> Moura Coutinho, de quem acima falei. Naquele recanto trasmontano, tão arborizado e fresco, que contrasta com todo o restante aro brigantino, acolhem-se á sombra das arvores as ruínas de um mosteiro medieval da ordem beneditina, que por sua vetustez e caracteres architectonicos provoca a veneração de quantos têm em alguma conta o nosso patrimonio historico-artístico: cf. fig. 25 (extraída de um bilhete postal). Além de alusões em trabalhos gerais de



Fig. 25 — Castro d'Avelãs

Estetica, ha a respeito d'ele, e dos seus arredores, artigos varios e monografias, e entre estas uma publicada ha pouco pelo Rev.<sup>do</sup> Francisco Manoel Alves com o titulo de *Castro de Avellãs*, Coimbra 1910, in-8.º, de 171 paginas (baseia-se em documentos manuscritos,

<sup>1</sup> Paris 1909: vid. cap. II e III.

<sup>2</sup> Póde explicar-se por costumes similares observados em povos selvagens, que lhes mantêm a significação primitiva (sacrificio propiciatorio aos *genii locorum*). Cf. Frazer, *Le rameau d'or*, I (Paris 1903), 231.

pacientemente colhidos e inteligentemente estudados)<sup>1</sup>. — Um tumulo que está dentro da actual igreja tem a inscrição que copio na fig. 26, isto é, «era de mil e trezentos e ...» Ha nesta inscrição um mixto de letras unciais e letras latinas. A última letra fica um pouco afastada das antecedentes. Adiante da inscrição vê-se um espaço vazio, o que mostra que ela foi gravada ainda em vida do individuo que tinha de sepultar-se no respectivo tumulo. O resto da data devia exarar-se depois da morte, e não chegou a ser exarado<sup>2</sup>. A inscrição tem já sido publicada<sup>3</sup>, não porém, que eu saiba, com a interpretação

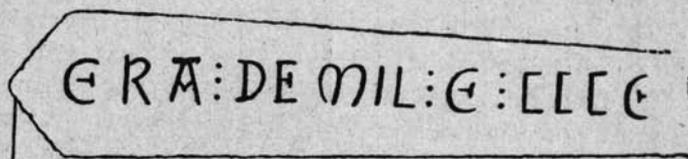


Fig. 26 — Num sarcófago de Castro d'Avellãs

que aqui lhe dou. A proposito do tumulo conta-se uma lenda, do Conde Ariães, ali encerrado vivo por castigo, com cobras e viboras que o devoraram<sup>4</sup>: já me referi a ela no meu livro intitulado *O Doutor Storck e a Litterat. portuguesa*, Lisboa 1910, p. 131, e aí a expliquei,

<sup>1</sup> O Rev.<sup>do</sup> Francisco Manoel Alves, Abade de Baçal (concelho de Bragança), tem outras obras de assunto trasmontano:

— *Notas biograficas de D. José Alves de Mariz, Bispo de Bragança*, Porto 1906, in-8.º, de 67 paginas, com o retrato do Prelado;

— *Memorias archeologico-historicas do districto de Bragança*: vol. I, Porto 1909, in-8.º, de x-401 páginas; vol. II, Porto 1910-1913, in-8.º, de 509 páginas; vol. III, Porto 1910-1911, in-8.º, de 459 páginas; vol. IV, no prelo, em Coimbra (estão já impressas 576 páginas);

— *Moncorvo*: subsidios para a sua historia, Porto 1910, in-4.º, de 55 páginas, com 26 fotografuras de monumentos referentes a Moncorvo (separata da *Illustração Trasmontana*).

Em todas elas, bem como em artigos dispersos em revistas e jornais (*O Archeologo, Revista de Historia, Diario de Noticias*, etc.) revela o auctor sempre tão solidos conhecimentos e tanto criterio, — meritos realçados de mais a mais por virtuosa modestia —, que ninguem que trate de perto com as obras do Abade de Baçal poderá deixar de o admirar e lhe querer bem. Para os Bragançanos é ele, com justificada razão, um idolo.

<sup>2</sup> Acontecem factos semelhantes nas inscrições romanas, quanto á idade dos falecidos.

<sup>3</sup> Vid. por exemplo *O Arch. Port.*, III, 184.

<sup>4</sup> Vid. A. Pereira Lopo in-*O Arch. Port.*, III, 183-184.

comparando-a com a do rei D. Rodrigo e outras<sup>1</sup>. Ao sul da Igreja, num alto entre vinhas e *carvalheiras*, ha montões de pedras, com as quais vi pedaços de formigão (*opus Signinum*), de mós manuarías, de potes, de tégulas e restos de vasilhas de barro pequenas; junto havia também lousas, como de sepulturas, e informaram-me que a cada passo apareciam na terra ossos humanos. No mesmo local se descobriu uma moeda de Constantino, uma *clavis Laconica*, e outros ferros: tudo isto me ofereceu o Rev.<sup>do</sup> Manoel Antonio Monteiro, Paroco de Castro de Avelãs. Creio que é ao mesmo alto, ou outeiro, que se refere Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, I, 85 sgs., onde fala de sepulturas, algumas das quais eram formadas de lapides romanas, o que o fez pensar que aquelas eram cristãs, embora ele considerasse as lapides romanas como vestígios do povoado em que assentou o *ordo Zoelarum*. No que eu observei pode realmente haver uma mistura de civilizações: romana e cristã. Á cristã pertenceriam as sepulturas, á romana as mós, etc.—Todavia, como a moeda de Constantino é muito tardia, não julgo impossivel que ela tivesse curso na epoca cristã ou visigótica, pois que os Visigodos, como é sabido, serviram-se de moedas de cobre romanas.

O que tinha de dizer de Bragança termina-lo-hei com a menção de outras aquisições que fiz para o Museu, além das já mencionadas de Castro de Avelãs:

uma bolsa de cordões (industria de Rebordêlo, concelho de Vinhais) e dois modêlos de cartas de entêrro: oferta do S.<sup>or</sup> Luis Saldanha Lopes dos Santos, comerciante;

dois belos braseiros de ferro artisticos e antigos, oferecidos pelo S.<sup>or</sup> Abilio de Jesus Ramos Zôio;

umas *disciplinas* de ferro, das freiras de Santa Clara, de Bragança: oferta do mesmo S.<sup>or</sup>;

uma moeda romana de cobre, e várias portuguesas, de prata e cobre: oferta do mesmo S.<sup>or</sup>;

um cabo de seitoira com incisões artisticas (obra pastoril): oferta do mesmo S.<sup>or</sup>;

tres *escritos* (amuletos)<sup>2</sup>: oferta do mesmo S.<sup>or</sup>;

<sup>1</sup> Cf. também D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro peninsular*, Madrid 1907-1909, p. 29-31. Costumes analogos menciona Frazer, *La tâche de Psyché*, 1914, pp. 95-97, e 124-125, interpretando-os pelo horror que certos povos tem a derramar sangue: isto os leva a darem aos criminosos morte sem derramamento sanguineo.

<sup>2</sup> Cf. supra, p. 34.

- um *candil de azeite*, de ferro, oferecido pelo mesmo S.<sup>or</sup>;
  - um par de ligas ou cintas mirandesas, de lã (fábrica local, isto é, de Miranda): oferta do S.<sup>or</sup> Moura Coutinho;
  - um machado neolítico, de Calvelhe, concelho de Bragança, oferecido pelo Rev.<sup>do</sup> Albano Falcão;
  - um *candil de sebo*, de ferro, oferecido pelo S.<sup>or</sup> Prof. Daniel Rodrigues;
  - um machado de pedra polida, duas fivelas de bronze lusitanicas, e um peso romano de pedra com «XIII», tudo do castro de Sacoias: oferta do Rev.<sup>do</sup> Francisco Manoel Alves, Abade de Baçal;
  - um *assoprador* mirandês, de madeira, com incisões artisticas (obra de um homem do campo, que ao mesmo tempo era pastor): oferta do Rev.<sup>do</sup> Conego Antonio José da Rocha<sup>1</sup>.
- E obtive mais o seguinte, por compra:
- um *colar de dentes de alho*, que servia de amuleto ao pescoço de uma criança<sup>2</sup>;
  - outro cabo de seitoira com incisões artisticas;
  - um *candil* de metal amarelo, moderno (fábrica local)<sup>3</sup>;
  - dois postigos de adufa antigos, de Bragança;
  - um jôgo de pesos de metal antigos, de caracter artistico.

A colheita, como se vê, não foi muito grande, nem era natural que eu viesse rico de uma terra onde ha um Museu Municipal, e onde o S.<sup>or</sup> Pereira Lopo, com louvavel amor patrio, costumava arrecadar tudo o que lhe apparecia; porém, se não adquiri muitos objectos para o Museu Etnologico, tomei muitos apontamentos etnograficos e linguísticos que aproveitarei em livros e artigos.

\*

17 de Agosto de 1915.—Posto que eu tencionasse ir de Bragança para Vimioso, Miranda e Moncorvo, regiões onde eu tinha conhecimentos ou esperava adquirir outros que fossem uteis ao Museu

<sup>1</sup> Vid. o Apendice a este artigo, ep. II.

<sup>2</sup> Aos amuletos infantis dão em Bragança popularmente o nome de *dixes*, palavra que no sentido corresponde a *arrelíquies* (Sul) e na fôrma á hespanhola *dijes*.

<sup>3</sup> Um *candil*, ou *candeia de metal*, consta das seguintes partes, começando de cima: *espelho*, *varela*, *tijela & tampa*, *bico & bicheiro* (tubo que encaixa no *bico* e onde está a torcida), *pé*, *gancho*; como apêndices tem *espevitador*, *tanaz*, e *correntes da tanaz* e do *espevitador*.

Etnologico e aos meus estudos, vi-me obrigado, por incómodo de saúde (pois o clima bragançano e o excessivo trabalho haviam-me extenuado) a retirar-me em 17 de Agosto para as Pedras Salgadas.— O resto da minha excursão trasmontana pouco importa aos leitores. Unicamente direi que das Pedras Salgadas fui a outras terras, regressando ali: Bornes, S. Martinho, Telões, Lagobom, Rebordechão, Vila Pouca d'Aguiar e Vila-Real, porém, á parte alguns apontamentos semelhantes aos que tomei em Bragança, pouco colhi para o Museu.— Em Vila Pouca d'Aguiar ha uma estatueta de pedra, especie de heroi epónimo, que representa a localidade, embora pertença a uma familia antiga (vê-se na esquina de uma casa brasonada): figura de guerreiro com escudo de armas, e espada. O povo chama-lhe «A Vila Pouca»<sup>1</sup>. Cf. sobre isto *Religiões da Lusitania*, III, 596.— O Rev.<sup>do</sup> Rafael Rodrigues, que os leitores d'O Archeologo conhecem de ele haver aí colaborado no volume 1.<sup>o</sup>, ofereceu-me os seguintes objectos: meia faca de silex prehistorica, apparecida nos campos de Vila Pouca; um machado de pedra polida, dos arredores de Telões; um machado com covinhas, de uma anta da Portela; uma pedrinha com uma gravura; e nove moedas de bronze, do sec. IV, achadas numa panela de barro em Outeiro (frèguesia de Telões, concelho de Vila Pouca)<sup>2</sup>. Por intermedio do mesmo S.<sup>or</sup> obtive um exemplar das *Posturas Municipais* de Vila Pouca d'Aguiar.— Numa aldeia adquirei: uma senha de latão que diz «1 carrada, Brocklehurst & C<sup>o</sup>» (da Madeira, ou do Brasil?); e «500 reis» de cobre de D. Pedro V (ensaio monetario, ou moeda falsa).

\*

Por fim, agradeço tambem a todos os meus illustres colegas dos Liceus de Chaves e Bragança as inequivocas provas de affecto que me deram. Já acima, no decorrer da minha narração-mencionei alguns nomes; aqui agora falo do conjunto.

#### Nota acerca das gravuras

As gravuras n.<sup>as</sup> 1 a 6 serviram de base fotografias do S.<sup>or</sup> Carlos Delgado, Professor do Liceu de Chaves; ás gravuras n.<sup>as</sup> 15, 16 e 23-25 serviram de base bilhetes postais; ás restantes serviram de base desenhos do S.<sup>or</sup> Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico.

<sup>1</sup> Vendem-se na vila bilhetes postais com esta figura; todavia o desenho é sem nitidez, e por isso não o posso reproduzir aqui.

<sup>2</sup> A panela, como de costume, foi quebrada pelos aldeões que a acharam.

## APENDICE

## I

## Tres fotografias etnograficas (Montalegre)

A amabilidade do S.<sup>or</sup> D. João de Saldanha Ferreira Pinto, que ha anos andou por Barroso, devo a posse de tres belas fotografias montalegrenses, que reproduzo nas figs. 27, 28 e 29.

A fig. 27 representa o *portal do pateo* de uma casa nobre conhecida pelo nome de *Cerrado*, que pertenceu ao Morgado do Cerrado,

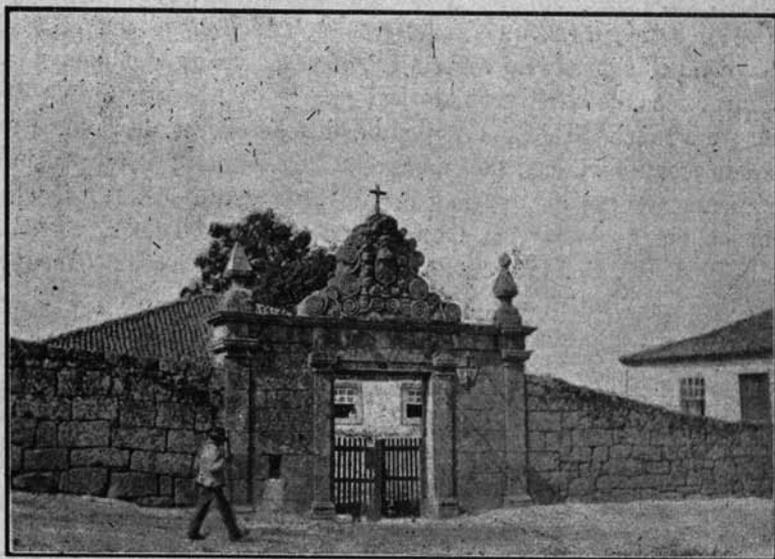


Fig. 27 — Portal de uma casa nobre de Montalegre

e hoje pertence a uma pessoa da familia do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Abel de Mesquita. Fica á entrada da vila. Falta a porta, que devia ser de ferro ou de madeira, e está substituída provisoriamente por uma *cancela*. Acima do telhado sobressai a ramagem de um carvalho. Para o meu caso a importancia do portal reside em ele ter uma cruz sobre o frontão que ostenta o brasão d'armas da familia e está ladeado por piramides assentes na cornija. É este um pormenor antigo, muito português, e muito vulgar nas habitações do Norte e Centro do país, e ainda em parte na Estremadura (em Lisboa, por exemplo, onde

porém, por vezes, falta propositadamente a cruz, e só puseram pirâmides). A cruz evita que os maus espiritos penetrem na casa, e as pirâmides servem-lhe de ornato natural e simetrico. A cruz desempenha aqui o mesmo papel que no espelho da fechadura (cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206). Onde os Cristãos figuram o simbolo da sua religião, figuravam os Pagãos a Esfinge, o *phallus*, o *gorgóneum*, e mais antigamente ainda, o suastica. Baseia-se no mesmo principio o costume de se fazer na boca uma cruz, quando se boceja: é para não entrar no corpo o Diabo<sup>1</sup>.— Conforme as casas são mais

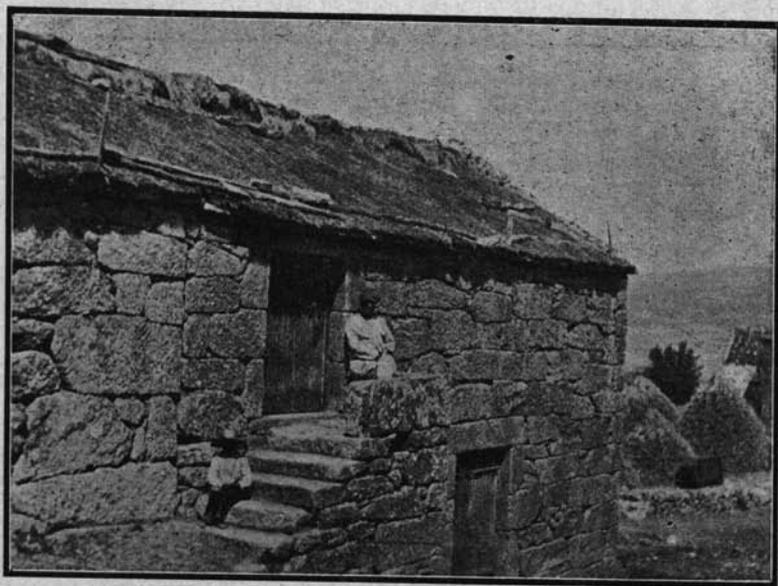


Fig. 28 — Casa popular de Montalegre

ou menos ricas, assim é maior ou menor o pateo descoberto, a que o portão dá entrada.

Na fig. 28 vemos uma *casa colmada*, ou *casa de palheiro*, de granito, com seu *patamar* ao cimo da escada exterior; a porta que fica ao rés-do-chão dá para uma *côrte*. As varas que seguram o colmo chamam-se *latas* ou *ripas*.

Finalmente a fig. 29 dá-nos o aspecto de uma rua de *casas colmadas*, conhecida pelo nome de Rua de João Bernardo: á entrada,

<sup>1</sup> Vid. *Tradições populares de Portugal*, pp. 253-254.

e á direita do observador, vê-se de pé uma Barrosã, de capucha, na postura de quem está sendo fotografada; á esquerda, sentada numa cesta, na parede, junto de uma *mêda* de palha centeia, vê-se uma rapariga, tambem de capucha; no meio da rua ha carros de bois em descanso, de *estadulhos* erguidos para o ar.

Creio que será bem vindo tudo o que contribuir para tornar mais conhecida esta região: por isso, sem sair muito do campo proprio d'O Archeologo, publiquei as tres fotografias que, já depois de escrito o artigo precedente, o bom acaso me deparou.—Se a designação de



Fig. 29 — Rua de Montalegre, pp. 49-50

«quasi fabulosa» dada, como vimos, por Camilo num seu antigo romance á provincia de Tras-os-Montes não é hoje tão verdadeira como em 1861, data do romance, ainda porém o é muito: e não tem nela pequeno quinhão a terra barrosã!

## II

### O Conego Rocha

(Vid. supra, p. 46)

O Rev.º Antonio José da Rocha é afamado latinista, e merece por isso que eu aqui diga d'ele umas palavras.

Nasceu em Caçarelhos em Maio de 1836, filho de Quintino José da Rocha, e de D. Cristina Rodrigo Martins Morgado; falou mirandês em pequeno, por ser essa a linguagem da região. Na idade própria dos estudos, começou a aprender latim em Vilar-Sêco com um Abade velho, que exerceu o professorado particular uns quarenta anos; depois continuou a aprendê-lo com o Bispo D. José Manuel de Lemos em Bragança, onde completou o curso liceal e o teológico, e se ordenou. De Bragança foi para Valpaços ensinar latim, a fim de se habilitar para professor oficial. Feito o concurso de latim em Coimbra, perante alguns dos que então na lusa Atenas davam as leis no estudo d'essa lingua, P.<sup>o</sup> Borges de Figueiredo e Joaquim Alves de Sousa, safu despachado professor para a Covilhã em 1861; aí permaneceu dezasseis anos, ensinando com o latim juntamente francês, português e Retorica. Da Covilhã obteve transferencia para Bragança em 1877, e no liceu desta cidade ensinou Latinidade e por vezes outras disciplinas, até 1900, em que se jubilou.

Quando os exames de instrução secundaria se faziam por comissões, nomeou-o o Governo várias vezes examinador do Liceu do Porto. Numa d'essas vezes relacionou-se o S.<sup>or</sup> Rocha com o S.<sup>or</sup> Epifanio Dias, que teve em tal conta o saber latino do seu colega, que lhe dedicou o Epitome da Gramatica de Madvig. Ao proprio S.<sup>or</sup> Epifanio ouvi eu falar do S.<sup>or</sup> Rocha com louvor: «é das poueas pessoas que em Portugal sabem o Madvig», dizia-me ele: isto justifica a dedicatória do Epitome<sup>1</sup>. O elogio não podia ser mais insuspeito, em vista da grande e justa autoridade de que no assunto goza o S.<sup>or</sup> Epifanio. Além de examinador de instrução secundaria, o S.<sup>or</sup> Rocha entrou ainda noutras comissões officiaes (juris de exames liceais e de escólha de livros escolares). No ramo ecclesiastico tambem não lhe tem escasseado honrosos cargos: Arcipreste, Conego da Sé de Bragança, Professor e Director espirital do Seminario; por ocasião do jubileu de Leão XIII esteve em Roma, e o Papa condecorou-o com a cruz *Pro-Ecclesia et Pontifice*, e nomeou-o Prelado doméstico. Actualmente é Vigario geral da diocese.

Praxisticamente circunscrito nas suas cotidianas obrigações professorais e ecclesiasticas, raro tem querido sair d'elas o S.<sup>or</sup> Rocha para se dedicar a escrever. Redigiu contudo em latim duas mensa-

---

<sup>1</sup> Por «Madvig» entenda-se a *Grammatica Latina*, traduzida pelo S.<sup>or</sup> Epifanio, e publicada no Porto em 1872. O Epitome, ou resumo, foi publicado anos depois: a 1.<sup>a</sup> edição é de 1879.

gens, entregues ao Papa: a primeira, pelo Bispo de Bragança, por ocasião do jubileu; a segunda, depois, por uma peregrinação religiosa. Nas exequias que por Leão XIII se celebraram na Sé de Bragança figuraram na eça cinco disticos latinos, igualmente da lavra do S.<sup>o</sup> Rocha, mas perderam-se quatro, e só resta um. Outros disticos tem ele composto sôbre varios temas. Aqui transcrevo o da eça, e mais alguns que me permitiu copiar:

#### In exequiis Leonis XIII

Adsint hic vota; at moestum cohibete dolorem:  
Liquit enim terras, praesit ut ille polis.

#### De perfido

Illius, incedit qui vultu et veste severus,  
Fronti ne credas, fictus et est simulans.

#### De invido

Invidus, alterius quem laedunt murmura famae,  
Anxius et pallens exitio esse solet.

#### (Variante)

Invidus, alterius quem laedunt murmura laudum,  
Anxius et pallens omnibus est odio.

#### De invido iterum

Assidue evolvens luminum orbes, invidus iste  
Torquet se dire, sed reliquos agitat.

Já depois do meu regresso, me enviou mais este:

#### De antiquario

Qui sermonem resque vetustas quaerit eundo,  
Antiquarius est: unde capit meritum<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Não andam em Portugal tão prosperos os estudos classicos, que alguém me deya levar a mal o publicar eu aqui estes versos latinos, postoque singelos. Virá tambem a proposito extratar de uma carta que o S.<sup>o</sup> Conego me dirigiu em 9 de Janeiro de 1917 uns trechos autobiograficos:

«Outros trabalhos eu fiz no exercicio das minhas funcções, e que, por incuria,

Em tempos começou o S.<sup>or</sup> Rocha a anotar a 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> sátiras de Persio, e as quatro primeiras de Juvenal (interpretação e observações); o trabalho porém ficou incompleto. Em 1889 publicou a *Homenagem da diocese de Bragança a S. Santidade Leão XIII* (notícia descritiva, e documentos), e em 1910 recitou no Seminário diocesano uma *Oração «de sapientia»* (inedita)<sup>1</sup>.

Está fora do meu plano fazer apreciações literarias. Procurei unicamente reunir alguns apontamentos para a biografia de um simpatico e preclaro Professor, que havendo-se sentado muitos anos numa cadeira do Liceu de Bragança, onde eu, embora apenas por uns dias, tambem exerci funções officiais, lá deixou reputação de saber e virtude. Com os seus 81 anos, o S.<sup>or</sup> Conego Rocha é ainda agil, bem disposto, possuidor de optima memoria, e, para não se esquecer do seu querido latim classico, lê Ovidio todos os dias, logo de manhã, depois de rezar o Breviario.

Campolide, 1915-1917.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

quer da minha parte, quer dos alumnos, se perderam, e nomeadamente, os seguintes:

Na leitura do Vergilio e exercicios escolares tive o cuidado de completar a meu geito e modo os muitos versos que naquella forma o auctor deixou apenas começados ou incompletos; estes exercicios não visavam a mais do que entreter os animos dos alumnos e fazer-lhes conhecer que ao pé dos assumptos graves, sublimes e inimitaveis, se pode tambempôr em exercicio o recurso, por leve que, seja, das nossas faculdades.

Em 1877, sendo eu professor official na Covilhã, levava já muito adiantados os trabalhos que emprehendi como continuação do pequeno Diccionario do Lamacense, Jeronymo Cardoso, que é verdadeiramente um resumo ou extracto do seu diccionario *Latino-lusitanicum et lusitanico-latinum*. Na mudança daquella cidade para esta e na atrapalhação em que o meu espirito se achava ao ter de me retirar de tão importante cidade, e os muitos e diversos cuidados em que o meu espirito por tal occasião se repartia, no meio de tudo isto, desappareceram os meus escriptos ou apontamentos, que nunca pude saber se realmente ficaram na Covilhã, ou se se perderam na grande jornada, que então era feita com muita difficuldade.

Na despedida ou sahida do edificio do Seminario, e como em signal de lucto e de saudade, em julho de 1911, deixei escriptos na pedra ou quadro uns versos hexametros que foram lidos nessa ultima aula aos numerosos alumnos, e que nenhum delles teve o cuidado de copiar.

Alem disso por vezes, como por distracção, entretinha os alumnos ditando-lhes e explicando-lhes na pedra disticos latinos feitos na occasião».

<sup>1</sup> A escassez de produções literarias explica-se em parte porque o S.<sup>or</sup> Rocha sofre ha mais de 20 anos uma doença nervosa, que quasi o impossibilita de escrever. A sua modestia é tambem causa de que ele pouco publique.